

ALCIONE DE OLIVEIRA SILVA

**PERCEPÇÕES DE PESSOAS QUINQUAGENÁRIAS SOBRE O PROCESSO
DE ENVELHECIMENTO**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2017

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

S586p
2017
Silva, Alcione de Oliveira, 1966-
Percepções de pessoas quinquagenárias sobre o processo de
envelhecimento / Alcione de Oliveira Silva. – Viçosa, MG,
2017.
viii, 93f. ; 29 cm.

Inclui anexos.

Inclui apêndice.

Orientador: Rita de Cássia Pereira Farias.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f.83-87.

1. Envelhecimento. 2. Percepção. I. Universidade Federal
de Viçosa. Departamento de Economia Doméstica. Programa de
Pós-graduação em Economia Doméstica. II. Título.

CDD 22 ed. 362.6

ALCIONE DE OLIVEIRA SILVA

**PERCEPÇÕES DE PESSOAS QUINQUAGENÁRIAS SOBRE O PROCESSO
DE ENVELHECIMENTO**

Dissertação apresentada à
Universidade Federal de Viçosa,
como parte das exigências do
Programa de Pós-Graduação em
Economia Doméstica, para obtenção
do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 22 de junho de 2017.



Maria da Conceição Aparecida Pereira Zolnier



Eveline Torres Pereira



Rita de Cássia Pereira Farias
(Orientadora)

“Com o tempo você aprende que maturidade tem mais a ver com os tipos de experiência que se teve e o que você aprendeu com elas, do que com quantos aniversários você celebrou. Aprende que o tempo não é algo que possa voltar para trás. Portanto, plante seu jardim e decore sua alma, ao invés de esperar que alguém lhe traga flores.”

William Shakespeare

Aos meus pais David e Aparecida (*in memoriam*),
aos meus filhos Paulo Victor e Pedro Henrique,
dedico.

AGRADECIMENTOS

“Uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade”, dizia Joseph Goebbels. Quantas vezes na minha vida ouvi dizer que eu não era capaz. Cheguei a acreditar nesse absurdo. Felizmente, tive a oportunidade de encontrar pessoas que me ajudaram a provar o contrário. Agradeço a todos que acreditaram em mim e contribuíram para que esta dissertação se tornasse realidade e a assertiva de Goebbels não se tornasse verdade em minha vida.

Em especial, gostaria de agradecer a Deus, pois até aqui me trouxe o Senhor; obrigada por me dar forças e por não desistir de mim.

Aos meus pais, pelo carinho, cuidado e investimento em minha vida e minha educação. De minha mãe ficou a memória de uma pessoa feliz e dedicada à família. A David, meu pai, minha eterna gratidão por me sustentar com palavras e orações. Mais que um pai, um grande amigo e incentivador. Seu exemplo de vida tem, muitas vezes, me motivado a prosseguir.

Aos meus irmãos, Naná, Ducha, Joca e Juninho, que têm sido companhia em todos os momentos de minha vida.

Aos meus filhos, Paulo Victor e Pedro Henrique, motivo de tudo isso. Obrigada por entenderem que a falta de tempo e dedicação foi para que se tornasse possível a realização do sonho de uma vida; mesmo tarde, ainda há tempo para sonhar e realizar projetos.

À minha amiga do trabalho, Rita Portugal, pela paciência e carinho ao entender que minhas ausências foram necessárias para a execução desta pesquisa.

Aos colegas e amigos do mestrado, Silvânia, Nádia, Fúlvia, Ronan e Antônio Carlos. Esta trajetória teria sido bem mais difícil sem a ajuda, o estímulo e o suporte de vocês.

Ao professor Rafael Rigolon pela ajuda e incentivo. O mundo seria melhor com mais pessoas iguais a você.

Aos funcionários do Departamento de Economia Doméstica e, em especial, a Aloísia, pela paciência e presteza em me atender sempre que precisei.

Aos professores, por construir conosco o conhecimento tão necessário e

precioso para a edificação de nós, estudantes e sedentos do saber.

Aos participantes dessa pesquisa, tão generosos em doar um pouco de si mesmos e contribuir para a construção deste estudo.

Às professoras Maria da Conceição Aparecida Zolnier e Eveline Torres Pereira, pela preciosa contribuição.

À minha orientadora, Rita de Cássia Pereira Farias, peça-chave na realização deste sonho. Como eu conseguiria sem você? Obrigada por me mostrar o caminho a seguir. Seus ensinamentos foram fundamentais para me fazer crescer e aprender a trilhar este caminho do saber, há tanto tempo desejado e finalmente alcançado. Deus te abençoe.

SUMÁRIO

RESUMO	vii
ABSTRACT	viii
1. INTRODUÇÃO	1
1.1. A construção do objeto de estudo.....	5
1.2. Objetivos.....	7
2. REVISÃO DE LITERATURA	9
2.1. Gênero e envelhecimento.....	9
2.2. Plasticização das formas: percepção do corpo que envelhece.....	14
2.3. Influência da indústria da beleza no padrão estético juvenil.....	17
2.4. Ser velho é não ser produtivo.....	20
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	24
3.1. Caracterização da pesquisa.....	24
3.2. Local de realização da pesquisa e seus participantes.....	24
3.3. Procedimentos de constituição de dados.....	27
3.4. Análise dos dados.....	28
3.5. Questões éticas relacionadas à pesquisa.....	28
4. CORPO E APARÊNCIA AO ENVELHECER	30
4.1. Corpo feio, alvo de preconceitos.....	30
4.2. Mudanças no vestuário com a proximidade da velhice.....	36
4.3. Busca permanente por uma aparência jovem.....	40
4.4. Percepções sobre a saúde do corpo que envelhece.....	47
4.5. Percepções positivas sobre a velhice.....	55
4.6. Percepções sobre o próprio envelhecimento.....	59
5. PERCEPÇÕES SOBRE O ENVELHECIMENTO	65
5.1. O envelhecer sob o olhar do outro.....	65
5.2. Como as pessoas mais velhas são vistas no trabalho.....	68
5.3. Vida e projetos após a aposentadoria.....	71
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
7. REFERÊNCIAS	81

RESUMO

SILVA, Alcione de Oliveira, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, junho de 2017.
Percepções de pessoas quinquagenárias sobre o processo de envelhecimento.
Orientadora: Rita de Cássia Pereira Farias.

Mesmo com muitas leis em prol dos idosos e avanços significativos da ciência e da tecnologia, ainda prevalecem conceitos e estereótipos negativos que fazem da velhice um período em que as pessoas buscam escapar. O termo velho é associado a perdas, doenças e decrepitude, fomentando o pensamento de que envelhecer é tornar-se feio, inútil e enfermo. Diante dessa realidade, este estudo teve por objetivo desvelar as percepções sobre o envelhecimento por sujeitos envelhescentes, analisando como os marcadores de gênero, socialmente construídos, refletem na percepção dos próprios sujeitos inseridos no processo de envelhecimento. A motivação para esta pesquisa foi a observação de que as pessoas estão envelhecendo de uma forma diferente de seus antepassados, buscando permanecer ativas e saudáveis por mais tempo, além de negar os traços da velhice. Os participantes desse estudo foram servidores técnicos e professores da Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, com idades entre 50 e 59 anos, sendo 10 mulheres e 10 homens, aos quais foram aplicados questionários semiestruturados, em uma abordagem qualitativa. Os dados analisados sob uma abordagem qualitativa mostraram que as percepções negativas sobre a velhice mais marcantes foram em relação às perdas físicas, relativas a vigor, agilidade e beleza. As percepções positivas estavam relacionadas ao aumento da capacidade de manter a serenidade, o bom senso e a acuidade no raciocínio. Os entrevistados mencionaram que há um desprendimento em relação a preconceitos existentes na juventude, mas ainda é necessário quebrar muitos preceitos estigmatizadores em relação aos corpos velhos, que deveriam ser expostos naturalmente. Porém, tanto homens quanto mulheres, disseram que não exporiam seus corpos velhos porque os preconceitos ainda existem e eles seriam alvos de deboches. Assim, o sentimento de que o corpo velho é feio, principalmente o da mulher, ainda prevalece, reproduzindo a valorização da juventude, em detrimento à velhice. Em uma perspectiva de gênero, verifica-se que a identidade das mulheres na velhice é mais definida a partir de seus corpos do que a dos homens.

ABSTRACT

SILVA, Alcione de Oliveira, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, June, 2017. **Perceptions of people in the fifties about aging process.** Advisor: Rita de Cássia Pereira Farias.

Even though there are many laws in favor of the elderly negative concepts and stereotypes prevail, making old age a period of several paradigms to be broken. Although there are many significant advances in science and technology, the term old age is still associated with losses and illnesses, leading to the thought that aging is automatically related to being useless and sick. In this way, the goal of this study was to investigate the differences in perception about aging observed in old people, analyzing how the socially constructed gender markers reflect on the perception of the individuals goin through the aging process. The motivation for this research was the observation that nowadays, people are aging in a different way compared to their ancestors, seeking to remain active and healthy for a longer period. The participants of this study were employees of Federal University of Viçosa - Viçosa - MG, aged between 50 and 59 years old, 10 women (2 technicians and 8 teachers) and 10 men (2 technicians and 8 teachers). For a better result of the qualitative methodology, semi structured questionnaires were applied. The data showed that the most remarkable negative perceptions of old age were in relation to physical losses. Concerning vitality, agility and beauty. The positive perceptions were related to the increased ability to keep the serenity, common sense, and acuity in reasoning. The perception of freedom and detachment from prevailing prejudices in youth was reported by almost all participants. Many interviewed people reported that the old bodies should break stigmatizing precepts be exposed naturally, in order to break but both men and women said they would not expose their bodies in this situation. In this way, the feeling that the old body is ugly, mainly the female one, still prevails, reproducing the valuing of youth in relation to old age. Under a gender perspective, it was verified that old women identify is more defined conerned their bodies than it is for men.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca desvelar a percepção sobre o envelhecimento por pessoas envelhecidas, analisando como os marcadores de gênero, socialmente construídos, refletem na percepção desses sujeitos. A proposta se justifica pelo fato de que até os anos 1980 o Brasil ainda era considerado um país com população em sua maioria jovem. Desde então, com a diminuição da taxa de natalidade e o aumento da expectativa de vida ocorrido nas últimas décadas, esse perfil tem gradualmente se modificado.

Dados do IBGE (2015) mostram que a porcentagem de idosos passou de 9,8% em 2005, para 14,3%, em 2015, representando um total de aproximadamente 28 milhões de pessoas. As projeções da Organização Mundial da Saúde (OMS) apontam que, por volta da metade deste século, a população de idosos poderá corresponder a um quinto dos brasileiros.

O crescimento do número de idosos, permeado pela queda da fecundidade e pela extensão da expectativa de vida decorrente dos avanços da ciência moderna, da medicina e da saúde pública, passou a ser um fator redirecionador dos interesses de pesquisas, tornando-se tema de discussões acerca do que fazer com tão grande contingente de pessoas consideradas inativas. Mesmo ganhando espaço entre estudiosos, o tema continua a ser deixado em segundo plano no que se refere ao que os idosos pensam, como vivem e, principalmente, o que desejam (MOTTA, 2006).

Conforme Almeida e Patriota (2009), as questões demográficas, embora importantes, não são suficientes para entender essa camada da população e suas necessidades diante da idade avançada, pois se trata de uma questão social em que o idoso necessita encontrar possibilidades de assistência integral. Além de investigar o que os idosos pensam e sentem, é importante também descobrir as expectativas das pessoas que estão próximas a essa faixa etária. Afinal, embora a humanidade se encontre em pleno século XXI, tendo alcançado diversas leis que asseguram a cidadania dos idosos, ainda há conceitos e estereótipos que desqualificam e inferiorizam a velhice. Apesar de o processo de envelhecimento ser algo inerente ao ser humano, envelhecer ainda é visto, por uma parcela significativa da sociedade, como sinônimo de doença, dores, abandono, solidão, inutilidade, ainda que esse seja

um processo natural e irreversível.

Esses estereótipos e preconceitos se devem ao fato de que principalmente, a partir da segunda metade do século XX, instaurou-se uma apologia à juventude, atrelada à exclusão da velhice. Dessa forma, o processo de envelhecimento passa a ser discriminado e desvalorizado, muitas vezes, sob influência de investimentos midiáticos que supervalorizam o ideal de beleza física e estética.

Essa realidade revela a necessidade de reflexão sobre a forma como vem sendo feita a construção dos padrões de beleza, pois, para um corpo ser considerado velho, é preciso que esteja relacionado a um referencial de juventude. As categorias sociais de juventude e velhice criam corpos baseados em identidades articuladas pelas construções de gênero, o que interfere nas relações humanas que são organizadas por valores que irão definir as mulheres a partir de seus corpos.

Sob essa perspectiva, Navarro-Swain (2003), descreve a velhice como uma “representação social que polariza e hierarquiza o humano para melhor excluir, para melhor controlar” (p. 2). A autora considera que em uma sociedade que atribui tanto valor à “beleza” e à juventude, o envelhecimento pode se configurar em um processo excludente em que os corpos das mulheres, com o passar dos anos, decrescem em valor social.

Debert (2003), a partir de estudos sobre comerciais veiculados em redes de televisão, mostra que ao longo dos anos a imagem do idoso vem se transformando, mas ainda é vista de uma forma muito negativa. Apenas a partir dos anos 1980, é que as representações do velho na mídia passaram a ter uma forma mais positiva. Até então,

[...] a maioria das imagens é negativa e desrespeitosa com os idosos, acentuando os estereótipos da dependência física e afetiva, da insegurança e do isolamento. A dramaticidade dessas situações, às vezes, é substituída pelo elemento cômico, em que a teimosia, a tolice e a impertinência dos velhos aparecem como temas explorados, particularmente nos programas humorísticos. (DEBERT, 2003, p. 135).

Vieira (2003) apud Santin e Borowski (2008, p. 146) ressalta que no início do século XX, a velhice era tratada de forma inadequada e, ao longo desse período, foi se tornando invisível. Para que a sociedade percebesse seus membros idosos, foi

preciso expô-los como frágeis, necessitados de ajuda e abandonados à própria sorte. Essa imagem levou a atitudes tão discrepantes que fizeram com que “o ser com qual não sabíamos o que fazer” caísse na obscuridade dos grupos minoritários, diferente do que acontece atualmente, pois há um número expressivo de idosos na população brasileira.

Segundo Veras (2007) e Uchôa (2003), variadas experiências com o envelhecer são percebidas em tipos diferentes de culturas e demonstram que a ideia de deterioração e perdas, disseminados pela cultura ocidental, contribui para que o envelhecimento tenha uma conotação que vai além dos fenômenos biológicos e naturais, pois é resultado de um processo social.

Seguindo essa perspectiva, Rodrigues e Soares (2006, p. 5) acreditam que a construção dos significados relacionados à velhice é cercada por “crenças, mitos, estereótipos e preconceitos” que levam à depreciação do fenômeno do envelhecimento e do sujeito inserido nesse processo, mantendo-o em um lugar social específico.

Além dos marcadores ligados à juventude, Uchôa, Firmo, e Lima-Costa (2010) mencionam que a visão depreciativa em relação aos idosos tem sido, através dos tempos modernos, alimentada profundamente pela ideologia da beleza e juventude e pela visão produtivista que sustentou a sociedade capitalista industrial, Essa perspectiva considera que “se uma pessoa não é capaz de trabalhar e de ter renda própria, de pouco ou nada serve para sua comunidade ou seu país.” (MINAYO; COIMBRA JR., 2002, p.16). Assim, Rodrigues e Soares (2006) afirmam que:

O fato de ser velho, traz em si um conjunto de atribuições e transformações negativas ligadas ao conceito tradicional de velhice. No imaginário social, o ser velho está associado à estagnação e perdas. Esse pensamento é decorrente de apego a valores ultrapassados e cristalizados que também levam ao isolamento social. A imagem negativa do idoso, retrata a falta de capacidade pessoal, a exclusão da rede produtiva; passando a imagem de uma pessoa que necessita de cuidados, sem força, sem vontade, sem vida, doente, incapacitado e que por todos esses motivos fez opção pela passividade (RODRIGUES e SOARES, 2006, p. 8).

Embora a velhice tenha sido por muito tempo símbolo de sofrimento, perda e dor, ela poderá ter esse paradigma mudado se o indivíduo buscar a restauração de seu bem-estar, mesmo no período em que estará mais suscetível a riscos e problemas de natureza biológica, psicológica e social. Para não se expor a esses riscos, o sujeito deve procurar alcançar uma condição de equilíbrio entre as suas potencialidades e limitações, possibilitando-lhe conviver com as perdas inerentes ao envelhecimento (KUZNIER, 2007).

Portanto, deve-se associar a velhice à manutenção da qualidade de vida, por meio de um envelhecimento ativo. Para a OMS (Organização Mundial da Saúde) “envelhecimento ativo é o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas” (OMS, 2005, p. 13).

Para designar a velhice, atualmente vem sendo utilizado o termo terceira idade. No entanto, o envelhecimento não é um estado, mas sim, um processo de mudança corporal e mental progressiva. Do ponto de vista biológico, o envelhecimento é visto como uma degeneração do organismo com o passar do tempo. Para Groisman (2002), o maior problema está na validade do uso de tal variável para medir quando este processo se inicia ou o exato grau de degeneração do corpo. Sendo assim, torna-se impossível datar efetivamente o seu começo, pois, dependendo do nível no qual ele se situa e da gravidade do mesmo, irá se manifestar de forma diferente nos indivíduos. O envelhecimento é, portanto, individual, não havendo uma idade certa em que ele se inicia. Debert (2006), ressalta que há variações nas formas de periodizar a vida e definir as práticas relacionadas a cada período. Portanto, para a referida autora:

A “terceira idade” também é uma criação recente das sociedades ocidentais contemporâneas. Sua invenção implica a criação de uma nova etapa na vida que se interpõe entre a idade adulta e a velhice e é acompanhada de um conjunto de práticas, instituições e agentes especializados, encarregados de definir e atender as necessidades dessa população que, a partir dos anos 70 do século passado, em boa parte das sociedades europeias e americanas, passaria a ser caracterizada como vítima da marginalização e da solidão (DEBERT, 2006, p. 53).

Considerando-se a hipótese de que as pessoas podem não estar preparadas para envelhecer, este estudo propõe investigar a forma como pessoas

quincuagenárias (pessoas entre 50 e 59 anos), aqui também chamadas de pré-idosas, percebem o processo de envelhecimento, principalmente no que se refere à percepção e às construções sociais sobre a velhice. Nesse processo, questiona-se: Estamos preparados para envelhecer? Pensamos que um dia poderemos nos tornar ociosos? A percepção sobre a velhice diverge entre homens e mulheres?

1.1. A construção do objeto de estudo

Nem sempre a velhice foi vista como um problema social, mas há alguns séculos esse tema começou a despertar o interesse dos franceses. Em 1748, a Marquesa de Lambert, escreveu o *Traité de la vieillesse (O tratado da velhice)*, um guia para mulheres velhas, onde dizia que a paz e a piedade são elementos fundamentais para uma velhice tranquila. Em 1822, a Baronesa de Maussion, em seu livro *Quatre lettres sur la vieillesse des femmes (Quatro cartas sobre as mulheres velhas)*, disse que é preciso mais que piedade e paz para a aquisição de uma boa velhice, pois aos velhos seria necessário também manter boas relações sociais com as pessoas jovens, ressaltando assim, a sociabilidade como o elemento principal do envelhecimento. Mas somente no final do século XIX, os franceses distinguiram os idosos dos mendigos internados em depósitos de velhos e nos asilos públicos, conferindo à velhice um tratamento social (PEIXOTO, 2006).

No Brasil, o interesse pela camada envelhescente da sociedade é muito recente e poucas áreas das ciências sociais buscam o estudo desse tema. Para Barros et al., (2006), até cerca de 1960, os estudos sociológicos sobre a velhice eram muito poucos, havendo somente estudos relacionados às áreas de Medicina e Biologia.

Avaliando essa situação peculiar dos idosos no Brasil, em 2002, no final de minha graduação, participei do Programa Gilberto Melo, no qual, por meio de atividades de extensão rural, tive contato com pessoas idosas, principalmente mulheres. Tive a oportunidade de frequentar reuniões, encontros em suas residências e de uma viagem a Ouro Preto, Minas Gerais. Nesses contatos, pude perceber as necessidades dos idosos e as peculiaridades inerentes à essa fase da vida.

A partir dessa convivência, notei como essas mulheres mais velhas se sentem isoladas e excluídas da sociedade, percebendo um sentimento de inutilidade e

descaso. Na ocasião elas relataram que “os velhos não servem para nada” e que “pessoas velhas não têm direito à diversão e só podem passar a mão no terço e rezar.” Tais discursos são o reflexo da forma como eram tratadas.

Com a oportunidade de fazermos, eu e as mulheres idosas, uma viagem e visitarmos igrejas e museus em Ouro Preto, elas se mostraram entusiasmadas e felizes ao se sentirem parte de algo que as faziam estar de novo em contato com a sociedade. Assim, percebi que o isolamento traz o sentimento de inutilidade e, por meio de algumas iniciativas, é possível resgatar a alegria dessas pessoas, inserindo-as em relacionamentos, ampliando sua inserção social, mesmo com uma idade avançada.

Esse foi o ponto de partida para o meu interesse em estudar o envelhecimento e suas consequências no comportamento do ser que envelhece, trazendo algum tempo depois, a vontade de desvelar a forma como a pessoa inserida no processo de envelhecimento se percebe nesse contexto e vive essa fase da vida.

Com o passar do tempo, eu também me vi inserida no universo do envelhecimento. Embora ainda não fosse uma pessoa oficialmente idosa, ou seja, ainda não tenha feito 60 anos, senti que não era mais jovem e comecei a observar outras pessoas inseridas em minha faixa etária, em torno dos cinquenta anos, neste estudo, chamadas de pré-idosas.

Em 2013, tive a oportunidade de me matricular como estudante não vinculado na disciplina “Cultura, Identidade e Corporeidade”, da Professora Rita Farias, no Departamento de Economia Doméstica da UFV, o que me possibilitou ampliar os horizontes do conhecimento e ver de uma forma mais clara os problemas relativos aos sujeitos que envelhecem, surgindo assim, o projeto deste estudo.

Percebi que havia poucos estudos voltados para a fase que precede a velhice e resolvi fazer um trabalho que ajudasse não só a mim, mas a um público maior, a descortinar as nuances acerca das percepções dos seres prestes a entrar no mundo dos velhos.

1.2. Objetivos

Este estudo teve por objetivo geral analisar as percepções de homens e mulheres servidores da Universidade Federal de Viçosa (UFV), com idade entre 50 e 59 anos, acerca do processo de envelhecimento, verificando como eles vivenciam as construções sociais sobre a velhice.

Especificamente, pretendeu-se:

- Desvelar as percepções de homens e mulheres sobre o processo de envelhecimento;
- Verificar se o envelhecimento influencia a produtividade do trabalho de servidores públicos da Universidade Federal de Viçosa;
- Compreender a percepção dos servidores sobre o próprio envelhecimento, principalmente o que se evidencia em seus corpos;
- Desvendar a forma como os entrevistados planejam viver sua velhice.

1.3 Organização da dissertação

Esta dissertação é composta pelas seguintes partes: introdução, quatro capítulos, Considerações Finais, Referências e Apêndices.

Na *Introdução*, foi feita a apresentação do tema investigado, onde é mostrado o caminho percorrido até a construção do objeto de estudo e quais objetivos traçados para melhor entendimento das percepções dos participantes da pesquisa.

O capítulo intitulado *Diálogos com a produção teórica sobre a velhice*, versa sobre temas-base deste estudo, como gênero e envelhecimento, a influência da mídia na plasticização das formas, a padronização dos corpos pela indústria da beleza, reflexões sobre velhice e produtividade na velhice.

O capítulo intitulado *Procedimentos Metodológicos*, apresentar a caracterização da pesquisa, o local em que foi realizado o estudo e quais foram seus participantes. Expõe os procedimentos escolhidos para a constituição e análise dos

dados e as questões éticas ligadas à pesquisa.

O capítulo *O corpo e aparência ao envelhecer* discute a busca permanente por uma aparência jovem e a forma como o corpo velho sofre com preconceitos e os fatores que levaram à mudança no vestuário, como também as percepções acerca da saúde do corpo envelhescente.

Em *Percepções sobre o envelhecimento* são apresentadas as percepções acerca da velhice e sobre o próprio envelhecimento, bem como o envelhecer sob o olhar do outro. Será destacada a forma como as pessoas mais velhas são vistas no trabalho e os projetos de vida após a aposentadoria.

Nas *Considerações finais* são sintetizadas as percepções dos servidores da Universidade Federal de Viçosa, com idade entre 50 e 59 anos, sujeitos desta pesquisa, sobre o processo de envelhecimento, principalmente o que se percebe em seus corpos.

2. DIÁLOGOS COM A PRODUÇÃO TEÓRICA SOBRE A VELHICE

Diante do propósito desta pesquisa, a revisão bibliográfica pautou-se na discussão sobre gênero e envelhecimento, a plasticização das formas na percepção do corpo que envelhece, as influências da indústria da beleza no padrão estético juvenil, além de uma discussão sobre a visão de que ser velho é não ser produtivo.

2.1. Gênero e envelhecimento

A humanidade sempre relacionou a velhice com a morte. Essa relação tem ocorrido em distintos períodos e em diversas culturas. Esse sentimento se faz presente de forma instintiva entre as pessoas. Assim, a finitude humana vem sendo tema de discussão entre filósofos, religiosos e entre homens e mulheres de todos os tempos, pois assim como a morte, a velhice assusta (BARROS et al., 2006).

Simone de Beauvoir, em sua obra 'A velhice' (1976), faz um relato da história da Medicina e seus avanços em relação à velhice. Ela destaca que no século XVI, Paracelso, por meio de complicadas teorias, comparou o Homem a um composto químico, sendo a velhice uma autointoxicação. Galeno, no século II, comparou a velhice à um moléstia incurável. Até o século XIX, a tese de que o corpo humano seria uma máquina que se degrada com o tempo foi muito difundida, mas nesse mesmo período, Stahl lançou a teoria de que existiria no Homem um princípio vital que enfraqueceria com a velhice, levando à morte quando desaparecesse. No final do século XIX, alguns estudiosos relacionavam a velhice à involução das glândulas sexuais. No século XX, o alemão Hufeland, que era vitalista, também achava que todo organismo possuía uma energia vital que se esgotaria com o passar dos anos. Em 1909, o médico Nascher criou o primeiro programa intitulado Geriatria e, em 1912, fundou a Sociedade de Geriatria de Nova York e, em 1914, quando queria publicar outra obra sobre o envelhecimento, teve muita dificuldade em conseguir um editor, pois esse assunto nessa época não tinha um público que se interessasse por ele. No século XX, a sociedade compreendeu que a velhice é um processo comum, pois cada organismo traz em si, a velhice como consequência, ou seja, ao passar dos

anos, a aparência da pessoa se transforma, tornando possível atribuir-lhe uma idade (BEAUVOIR, 1976).

É na sociedade que surgem os meios para se categorizar as pessoas e as características comuns que as permitem ser classificadas nessa categoria. Essas características podem se tornar atributos designados como estigmas. Esse termo é normalmente usado para se referir a um atributo extremamente depreciativo que liga de forma automática o ser estigmatizado à característica que o estigmatizou (GOFFMAN, 2004).

Portanto, dentro da discussão do uso de uma forma para se referir ao velho, ou seja, qualquer pessoa que já tem 60 anos ou mais, surgiu o termo idoso que foi criticado por ser menos preciso que a palavra velho, embora seja mais respeitoso. O problema é que ele veio para designar a população envelhecida formada por indivíduos originários das camadas sociais mais favorecidas (PEIXOTO, 2006).

Em uma sociedade capitalista que valoriza o trabalho remunerado, o idoso é frequentemente desvalorizado e estigmatizado por ficar fora das estatísticas produtivas, embora ele já tenha contribuído uma vida inteira, cumprindo seu papel social como trabalhador. Assim, ele reinventa maneiras de construir uma nova identidade através do trabalho não obrigatório, mas que traz sentido à sua vida, buscando eliminar o estigma de descartável ou inútil. Conforme Minayo:

A maior abertura para o pluralismo de ideias, comportamentos e atitudes configura, para esses homens e essas mulheres, o espaço menos preconceituoso para seus desejos e possibilidades de realizações, retirando de suas testas a tarja repressora, na qual está escrito que ser velho é colocar o pijama de avô ou o chinelinho de avó, contar histórias do passado, parar de ousar e preparar-se para a morte. (MINAYO et al., 2002, p. 23).

Embora Minayo considera libertador o fato de se retirar a tarja do velho com chinelinho e pijama, nem todos pensam desta forma. Muitos idosos podem algo considerar essa opção como prazeroso. Dessa forma, sua fala aponta a retirada uma tarja, mas pode estar colocando outra, a de que velho não possa querer curtir seu chinelinho e pijama e que não se pode envelhecer sem levar uma vida ativa.

A mulher ocidental que se encontra na pré-velhice cresceu em meio a uma sociedade patriarcal, com uma cultura machista, que acabou reprimindo seu

comportamento, mantendo-a somente em um meio doméstico, cujas práticas ficaram reduzidas ao meio familiar. Enquanto o homem saía para estudar, aprender uma profissão e trabalhar, à mulher era permitido somente práticas e costumes ligados ao lar e à família. A ela restava aprender a ser uma boa dona de casa, uma boa esposa e boa mãe. Com o crescimento dos filhos, a mulher passa a ter uma rotina diferente, mas, continua tendo suas vivências ligadas ao cuidar da casa, ou começar a cuidar dos netos.

Essas diferentes rotinas são baseadas na pedagogia dos gêneros que marca as diferenças entre homem e mulher. Louro (2008) relata que ao lançar a frase: “Ninguém nasce mulher; torna-se mulher”, Simone de Beauvoir provocou um impacto em todo o mundo. Pode-se, através dessa frase, inferir que o modo de ser e estar não é calcado em um ato único, mas pode ser construído aos poucos. Portanto, seria necessário fazer-se mulher pelos gestos, comportamentos e preferências que são ensinados, aprendidos e reproduzidos, de acordo com os valores e normas de uma determinada cultura. Porém, esse caminho percorrido até se tornar mulher é compreendido também no mundo masculino, pois para se tornar homem é preciso investimentos continuados. Afinal, “nada há de puramente “natural” e “dado” em tudo isso: ser homem e ser mulher constituem-se em processos que acontecem no âmbito da cultura” (LOURO, 2008, pp. 18-19).

Dentro de diferentes culturas existem várias mudanças sociais que influenciam o modo de envelhecer da mulher, pois o envelhecimento é determinado pela cronologia, por fatores físicos, pela condição social em que se vive e pela singularidade de cada ser. Antes, a idade avançada permitia à mulher desempenhar de forma marcante o seu papel de avó. Porém hoje o envelhecimento tem permitido a muitas mulheres um tempo de realização de sonhos que foram postergados e de desejos nunca sonhados (MORI; COELHO, 2007). Embora pareçam realidades muito diferentes, não é preciso escolher uma em detrimento de outra. O que se percebe, é que é possível desempenhar bem o papel de avó ao mesmo tempo que se realiza os sonhos desejados.

A velhice como conceito social inserido em um repertório cultural social e historicamente delimitado, transpõe o estatuto de processo biológico para o de uma construção social atravessada no momento atual pela ideologia da terceira idade que postula uma versão dinâmica para o envelhecimento e para o ser velho (FERREIRA,

2006).

Figueiredo (2007) revela que para o homem contemporâneo, acostumado a ter uma vida social ativa, com seu trabalho e amigos, a partir da velhice, passa a ter uma vida mais reclusa, muitas vezes, perdendo contato com as pessoas com as quais convivia. Ele deixa de ser o senhor da casa, o arrimo da família e acaba, muitas vezes, ficando depressivo, pois, passa a se sentir inútil, sem algo que o motiva a sair da cama todos os dias. O autor ressalta que

As características sociais do masculino em uma sociedade que prioriza o capital, a produção e mundo público para os homens é verdadeiramente algezo com os envelhescentes, que com a aposentadoria passam a ter como espaço de convivência o recinto privado do lar, trocando a produtividade pela inatividade, vivenciando perdas relativas a doenças e a morte. Dessa forma, a nova condição social dos homens idosos passa a ser determinante de perdas e limitações que influenciam na saúde física e emocional, desencadeando ou agravando doenças crônicas características do processo de envelhecimento e capazes de reduzir a saúde e a qualidade de vida de muitos homens idosos. (FIGUEIREDO, 2007, p. 425).

A Gerontologia surgiu como uma área voltada a estudar uma velhice homogênea, mas já se sabe que há distinções entre sujeitos, raças, classes, etnia, cultura e também entre gêneros. Alguns autores, como Míriam Goldenberg (2011), têm um olhar positivo sobre a velhice feminina, pois acreditam que ela não sofre uma ruptura muito grande em relação ao trabalho quanto os homens, e também por não ser mais controlada e dominada por outros.

A visão de que ela (a velhice) é resultado de um processo contínuo de perdas – decadência física e ausência de papéis sociais – é contestada pela gerontologia, que tem como alvo no Brasil um público cada vez mais jovem. O empenho de boa parte dos gerontólogos, especialmente aqueles voltados para um trabalho com a terceira idade, é redefinir os estágios mais avançados da vida como momentos propícios para novas conquistas, guiadas pela busca do prazer e da satisfação pessoal. As experiências vividas, os saberes acumulados são ganhos que oferecem oportunidades de um recomeço em que novas identidades podem ser exploradas de maneira criativa. (DEBERT, 2003, p. 154).

Os traços estigmáticos da velhice se ligam a valores e conceitos depreciativos: feiura, doença, desesperança, solidão, fim da vida, morte, tristeza,

pobreza, falta de consciência de si e do mundo (LINS de BARROS, 2006).

No entanto, em “A reinvenção da velhice”, Debert (2004) diz que as novas imagens do envelhecimento são percebidas na revisão de estereótipos em que são retratadas as etapas mais avançadas da vida. Por essas imagens, o envelhecer se mostra positivo, sendo uma experiência heterogênea na qual a doença física e o declínio mental, fenômenos normais nesse estágio da vida, redefinem-se como condições que afetam pessoas de qualquer idade. Essas imagens permitem a abertura de espaços em que é possível buscar a auto expressão e explorar identidades que antes eram exclusivas dos jovens.

Para Marques e Padilha (2007, p. 3),

[...] quando falamos de envelhecimento, provavelmente vem à mente das pessoas jovens a ideia de um processo natural da vida, mas extremamente desagradável. Algo que se sabe que está por vir, mas que é culturalmente rechaçado. Essa negação subliminar da morte seria um processo natural ou essa negação estaria sendo estimulada pelos processos midiáticos que supervalorizam o ideal de jovialidade tanto física, estética, quanto mental? (MARQUES; PADILHA, 2007, p. 3).

Para Motta (2006), por ser lenta e que não ocorrer por inteiro, a velhice se configura como um processo que causa um choque no ser que envelhece, pois é percebida inicialmente pelos olhos dos outros. Portanto, surgem mecanismos de resistência ao envelhecimento, principalmente nas mulheres, de quem sempre foram cobradas a juventude e a beleza. Mas para o homem esse processo mostra-se menos agressivo, como descreve em sua obra ‘O Segundo Sexo’ (1980), Simone de Beauvoir (1980 *apud* Motta, 2006). Ela destaca que o homem se acha mais empenhado em assuntos mais importantes que o amor e, portanto, não lhe são exigidas qualidades passivas de um objeto, já que as alterações de seu rosto e seu corpo não diminuem suas chances de sedução.

Bernard (1995, *apud* Blessmann, 2004) discute a importância do corpo no processo de envelhecimento. Para o autor, o corpo se torna ambivalente a partir do momento em que representa a vida com suas infinitas possibilidades, ao mesmo tempo que proclama sua morte futura e sua finitude existencial. Ele apresenta duas faces: a dinâmica, ávida de desejos e a da temporalidade com sua fragilidade e desgaste. Assim, ao se tratar do envelhecer, necessita-se reconhecer no corpo seu

potencial e suas limitações.

2.2. Plasticização das formas: percepção do corpo que envelhece

Mary Del Priore, em seu livro “Corpo a Corpo com a Mulher” (2009), denomina o corpo de produto social, cultural e histórico, que vem sendo fragmentado pela sociedade, preservando a característica de regular seus usos, suas formas e funções. Assim, a mulher brasileira tem visto seu corpo passar por muitas transformações físicas: a magreza substituiu a gordura antes admirada e retratada por artistas do século XIX. Além disso, durante o século XX a mulher se despiu e passou a exibir seu corpo nu na mídia, nas praias, incentivando sua exposição pública. Para que isso fosse feito de forma bela, foi preciso lançar mão de cremes, silicones e colágenos, mantenedores da pele idealizada agora como uma nova vestimenta, onde o amassar e o enrugam devem ser extintos. Essa mesma autora diz que:

Diferentemente de nossas avós, não nos preocupamos mais em salvar nossas almas, mas em salvar nossos corpos da desgraça da rejeição social. Nosso tormento não é o fogo do inferno, mas a balança e o espelho. “Liberar-se”, contrariamente ao que queriam as feministas, tornou-se sinônimo de lutar, centímetro por centímetro, contra a decrepitude fatal. Decrepitude, agora, culpada, pois o prestígio exagerado da juventude tornou a velhice vergonhosa. (DEL PRIORE, 2000, p. 11).

O envelhecer, entre outras coisas, traz em si o sentimento de perda: em relação à saúde, começam a aparecer doenças antes inimagináveis, nas relações, ocorrem perdas naturais e aquelas que acontecem, porque com o passar do tempo, as pessoas vão tomando outro rumo. Muitas vezes, com a saída do mercado de trabalho, as relações sociais também vão se escasseando. Com relação ao corpo, acontece a perda da juventude, podendo levar o indivíduo à estranheza de si mesmo. Britto da Motta (1999 apud MINAYO et al., 2002, p. 39) ressalta que:

A cultura, no entanto, também está inscrita no corpo, ao mesmo tempo condicionando e transformando a natureza. Não atua, sabemos, de modo homogêneo no interior de uma sociedade e em determinado período histórico. É conformada por determinados sistemas de relações sociais em seus modos de realização, que se constituem, ao mesmo tempo, em dimensões básicas da vida social e da sua análise, como as relações de classe, de gênero e entre as

gerações (MINAYO, et al., 2002, p. 39).

Portanto, para esta autora, por estarem inseridos em diferentes culturas, os corpos deixam de ter apenas características que se distinguem como sendo de homem ou de mulher, de jovem ou de velho, e passam a ter diferentes representações em cada período histórico, percebendo em si, variadas práticas em seu “existir biossocial” (MINAYO, et al., 2002, p. 40).

Hoje, o que se preconiza, principalmente na mídia, são corpos perfeitos, disseminando o ideal de que para ser belo, o corpo precisa ser jovem e, em função dessa valorização da juventude, o envelhecimento é carregado de estereótipos sociais que contribuem para que o idoso, de uma forma geral, sinta-se inferior e desqualificado para uma vida social ativa.

Diante desses fatores, torna-se necessário refletir sobre as percepções sobre a velhice e como tem sido considerado o envelhecer. Hoje, o mundo privilegia a beleza exterior, normalmente associada à juventude. Estudar a velhice, é pensar também sobre o preconceito, pois, o velho é geralmente visto com preconceito, já que, muitas vezes, encontra dificuldade em vivenciar a degradação do próprio corpo. Em se tratando do envelhecer feminino, há ainda mais rigor nesse preconceito causando uma desvalorização da beleza feminina que pode levar as mulheres a não se sentirem mais atraentes, causando comprometimentos à auto-estima, podendo inclusive, levá-las a desgastes emocionais e causando problemas de saúde de várias naturezas e intensidades.

Segundo Lima e Bueno (2009),

[...] deve-se encontrar e promover novas formas de valorização do processo da velhice e envelhecimento que não sejam um “arremedo” dos valores que se almejam para a juventude, numa constante tentativa de juvenilização da terceira idade, negando o direito às pessoas de serem como são, sem que tenham que assumir uma identidade que não lhes é própria, negando-se a si mesmas somente para serem aceitas socialmente. Fonte de alienação, sofrimento e até enfermidades, que encontra na mulher o alvo mais fértil, devido às insistentes cobranças sociais pela eterna juventude, beleza e um corpo sexuado e desejável. (LIMA; BUENO, 2009, p. 277).

Blessmann (2004) ressalta que independente de um ideal, o que importa é que

vivemos em um corpo que só pode ser compreendido através da corporeidade e é pela linguagem que ele consegue assumir seu significado. Enquanto signo, o corpo não se refere apenas ao presente, mas a um conjunto representativo mental ao qual o comunicante, referencia a sua realidade. Blessmann (2004), citando Bernard (1995), destaca que a visibilidade e a finitude são as principais características do caráter corpóreo, sendo que a primeira tem grande importância na sociedade contemporânea, tendo na aparência física e na imagem visual uma grande ênfase. A finitude e a visibilidade são significativas para que haja rejeição e o temor à velhice, pois ela sinaliza uma aparência indesejada e a proximidade da morte.

Bourdieu (2002), em sua obra “A dominação masculina”, afirma que enquanto os homens se mostram insatisfeitos com as partes pequenas de seu corpo, para as mulheres, o que incomoda são as partes grandes pois, a dominação masculina que transforma as mulheres em objetos simbólicos faz com que elas fiquem em um permanente estado de insegurança corporal, ou seja, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo e para o olhar dos outros como objetos receptivos, atraentes e disponíveis. Das mulheres, espera-se que sejam femininas. Para isso devem ser sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas e apagadas, deixando ao homem a função de se destacar. Assim, a mulher precisa ser magra, para se enquadrar na concepção de “ser mulher”, sendo percebida, aos olhos do outro sempre na região desconfortável, entre o corpo real em que se encontram presas e o corpo ideal que buscam incansavelmente conquistar.

Marcel Mauss (1974), em “As Técnicas Corporais”, declara que a educação e a cultura são significativas na construção da percepção corporal. Por intermédio da educação das necessidades e das atividades corporais que a estrutura social imprime sua marca nos indivíduos: a criança é treinada para controlar seus reflexos, inibir seus medos e também selecionar paradas e movimentos. Assim, é através da imitação de hábitos, costumes, crenças e tradições que os indivíduos de uma cultura constroem seu corpo e comportamento. Portanto, há uma construção cultural do corpo, buscando valorizar alguns atributos e comportamentos em detrimento de outros, levando à construção de um determinado corpo para cada sociedade.

Os apelos publicitários presentes por toda parte na imprensa feminina incitam o embelezamento da mulher, estimulando uma progressão consumista como nunca vista. A beleza pode ser

comprada, e o dever de toda mulher é ser bela e atraente, principalmente para atrair o príncipe encantado dos sonhos femininos. (MONTEIRO, 2008, p. 51).

Em função dos ideais de beleza calcados na juventude, Simone de Beauvoir (1990, p. 136) afirma que se o destino da mulher é ser, aos olhos do homem, um simples objeto erótico. Assim que se torna velha e feia, perde o lugar que lhe é destinado na sociedade, e se torna um monstro que “suscita repulsa e até mesmo medo”.

O corpo vigoroso, jovem, sexualizado e bonito é exaltado na sociedade contemporânea fazendo com que o corpo velho e sua inexorabilidade cause incômodo, tornando inúteis os esforços apreendidos pelos diferentes saberes na busca de adiar a chegada do envelhecimento e até mesmo da morte (BARROS, et al., 2006, p. 7).

2.3. Influência da indústria da beleza no padrão estético juvenil

Del Priore (2000) ressalta que, depois de séculos se mantendo oculto, o corpo da mulher pode finalmente ser descoberto, revelado e exposto em público, mas foi preciso que ela fosse forçada a identificar a beleza de seu corpo com juventude. Portanto para essa autora,

A pele tonificada, alisada, limpa, apresenta-se idealmente como uma nova forma de vestimenta, que não enrugam nem “amassa” jamais. Uma estética esportiva voltada ao culto do corpo, fonte inesgotável de ansiedade e frustração, levou a melhor sobre a sensualidade imaginária e simbólica. (DEL PRIORI, 2000, p. 11).

As revoluções feministas até o século XX vêm marcadas por uma ambiguidade: se por um lado trouxeram conquistas, como as no campo da sexualidade, do trabalho e da família, por outro lado, trouxeram frustrações como a tirania da perfeição física que empurrou a mulher para não mais buscar uma identidade, mas sim, uma identificação (DEL PRIORE, 2000).

Segundo Goldenberg (2011), o corpo é visto, no Brasil, como um capital que deve ser cuidado, conservado e trabalhado como um bem precioso, fazendo com que

a mulher brasileira seja a segunda maior consumidora de cosméticos do mundo, perdendo apenas para as americanas. A autora ressalta que,

No Brasil, particularmente no Rio de Janeiro, o corpo trabalhado, cuidado, sem marcas indesejáveis (rugas, estrias, celulites, manchas) e sem excessos (gordura, flacidez) é o único que, mesmo sem roupas, está decentemente vestido. Pode-se pensar neste sentido, que, além do corpo ser muito mais importante do que a roupa, ele é a verdadeira roupa: é o corpo que deve ser exibido, moldado, manipulado, trabalhado, costurado, enfeitado, escolhido, construído, produzido e imitado. É o corpo que entra e sai da moda. A roupa, neste caso, é apenas um acessório para a valorização e exposição deste corpo capital (GOLDENBERG, 2011, p. 79).

As sociedades modernas têm mirado cada vez mais nos valores de juventude. Ao mesmo tempo que se reconhece o valor da saúde e a medicina tem feito inúmeros avanços que nos garantem bem-estar, todos os esforços são empenhados para dissolver a velhice ou para reduzi-la. O aumento da esperança de vida veio a ser um problema, pois as pessoas não querem mais envelhecer, negando-se a mudar e a se deixar transformar (DEL PRIORE, 2000).

Para Del Priore (2000), a imagem corporal da mulher está longe de se libertar dos esquemas tradicionais, pois ela que antes sofria prescrições do médico, pai ou marido, agora as recebe do discurso jornalístico e publicitário que exibem e também exigem corpos perfeitos. Em pleno século XXI, as mulheres ainda se vêm subordinadas a um tirano algoz e ainda mais cruel do que o do passado. E embora não tenha uma personificação, ele se faz muito presente: são os cartazes, *outdoors*, as imagens na televisão e o bombardeio dos corpos expostos na internet.

No começo do século XX, iniciou-se a moda da mulher magra. Para Philippe Perrot citado por Del Priore (2000), essa não foi somente uma moda, mas o desabrochar de uma mística da magreza ditada pela obsessão pelo emagrecimento. Para esse autor,

[...] além de constrangimento moral e não apenas corporal, o tamanho (da roupa) traduzia, num martírio mental e não mais físico, a linha de demarcação que passara a reprovar e estigmatizar toda mulher que o extrapolasse. “Dê-me um menor, esse não é o meu tamanho!”, passava a ser triste confissão (PERROT apud DEL PRIORE, 2000, p. 66).

Ainda no início do século XX, marcas importadas de cosméticos começaram a chegar ao Brasil e vitrines e manequins passaram a enfeitar grandes lojas nas maiores cidades. Esses produtos eram também oferecidos em catálogos para chegar às consumidoras do interior. As mulheres passam agora a consumir produtos caros e exclusivamente voltados à manutenção ou melhoria da beleza. Através de anúncios em revistas femininas, elas passam à introspecção lenta e contínua de uma nova preocupação: a apresentação física que as introduz na vida urbana e a palavra de ordem é beleza! E toda feiura tem que ser banida (DEL PRIORE, 2009).

O que dita o ritmo da nossa sociedade é a aparência. Portanto, um corpo envelhecido adquire novos significados quando perde a forma e a beleza juvenil. Assim, Goffman (2004, p. 32), declara que:

Um modelo de socialização é exemplificado pelos que se tornam estigmatizados numa fase avançada da vida ou aprendem muito tarde que sempre foram desacreditáveis. [...] Tais indivíduos ouviram tudo sobre normais e estigmatizados muito antes de serem obrigados a considerar a si próprios como deficientes. É provável que tenham um problema todo especial em identificar-se e uma grande facilidade para se autocensurarem. (GOFFMAN, 2004, p. 32).

Debert (1993) menciona uma tendência atual de homogeneização das idades, que é útil na definição de novos mercados de consumo. Visando satisfazer o padrão de uma sociedade jovem, cujo mercado de consumo amplia-se para servir a essa sociedade e servir-se dela, as crianças são enviadas ao mundo dos adultos jovens, ao passo que busca-se rejuvenescer física e socialmente os idosos. Nesse duplo movimento de transformação das idades, que faz parte da lógica de uma sociedade de consumo, a estética surge como motor do bom desenvolvimento da existência. Por outro lado, a feiura passa a ser vivida como um drama levando à multiplicação das fábricas de beleza, dando às clínicas de cirurgia plástica o *status* de milagrosas.

Os adeptos da cirurgia estética acreditam que a forma corporal possui um papel significativo na vida cotidiana, mas os que são contrários a ela acreditam que o corpo não tenha um significado tão importante a ponto de justificar sua modificação. Para eles o mais importante em uma existência é a alma ou o espírito (DEL PRIORE, 2000).

Ao olhar com atenção ao nosso redor, nos depararemos com a ditadura da

beleza manifesta nos corpos expressos nos outdoors, vitrines, revistas, televisão, cinema e academias. As pessoas buscam nas academias fechadas, ao ar livre e na indústria de beleza, de forma geral, um meio de agregar benefícios à saúde e à aparência física.

Tratando-se de cuidado com o corpo, verificamos no *campus* da Universidade Federal de Viçosa, onde foi realizada a presente pesquisa, uma amostra dessa preocupação, com o desfile diário de corpos que correm, em busca de melhorias na saúde e de uma performance estética cada vez mais perfeita, visando escapar dos estigmas que recaem sobre a pessoa velha.

2.4. Ser velho é não ser produtivo

Ao longo da história, o ser humano busca no trabalho a expressão concreta de sua inserção no processo de desenvolvimento pessoal e social. Assim, o trabalho constitui uma referência na construção da identidade e sociabilidade humana. A sociedade vê de uma forma consensual que o trabalho enriquece o homem em conhecimento e em habilidade, experiências e desenvolvimento, e é através dele que se busca satisfazer as necessidades materiais e afetivas, traduzidas em reconhecimento, satisfação e prazer de estar no mundo (D' ALENCAR; CAMPOS, 2006).

Porém, ao se verem velhos, os atores sociais passam a vivenciar um dilema, pois a partir do momento que são excluídos do meio produtivo, passam a viver com o preconceito em relação à essa fase da vida.

Categorias e grupos de idade impõem a visão de mundo social, como o início da vida escolar, a fixação da maioridade civil e a entrada no mercado de trabalho. Essa divisão dos períodos da vida, contribui para a manutenção ou transformação das posições de cada um em espaços sociais específicos. Dessa forma, diversos mecanismos sociais que tornam-se fundamentais para a organização política, para a constituição dos mercados de trabalho, para a distribuição de poder e prestígio no interior das classes sociais, têm como referência, a idade cronológica (PEIXOTO, 2006).

Numa sociedade em que a produtividade, a concorrência, a eficiência e as performances jovens são valorizadas, considera-se o envelhecimento como responsável pela perda da força de produção, e se alguém ou um grupo se enquadra no sistema improdutivo, passa a ser inserido em um processo de marginalização e desvalorização (COUTO; MEYER, 2011). Nesse sentido, Bosi afirma que

A noção de produtividade está fortemente conectada às noções de juventude e adultez e essa articulação produz, concomitantemente, a significação da velhice como peso familiar e social, uma vez que sujeitos velhos não seriam mais produtores nem reprodutores. (BOSI, 2008, p. 77).

A noção de ser velho está fortemente ligada à decadência e é confundida com incapacidade para o trabalho, pois ser velho significa estar inserido na categoria dos indivíduos idosos e pobres (PEIXOTO, 2006).

Por outro lado, o surgimento da categoria aposentado vem acompanhada de melhorias nas condições de vida das pessoas envelhecidas que, através de instrumentos legais, passam a ter um estatuto social reconhecido. Assim, o estabelecimento do direito à inatividade remunerada, leva ao surgimento de novos hábitos e novos traços de comportamento, auxiliando os idosos em sua luta contra os estigmas de velho e velhote. Por outro lado, ao se permitir a aposentadoria pela idade, permitiu-se que indivíduos ainda produtivos se sentissem deteriorados, ao perderem seu papel social fundamental, ou seja, o do ser produtivo (PEIXOTO, 2006).

Em uma sociedade que se baseia em uma estrutura da produção fora da unidade doméstica, a participação do jovem no mercado de trabalho o insere no mundo dos adultos responsáveis, assim como um marco da passagem da maturidade à velhice, em que a aposentadoria se configura como o reenvio do trabalhador ao mundo privado e oficialmente inativo. Assim, com o fim do compromisso com o trabalho e sem as obrigações com a criação dos filhos, inicia-se a transição do indivíduo em direção à velhice social, pois nem sempre quem se encontra nessa fase está biologicamente velho (PEIXOTO, 2006).

Embora o mercado de trabalho tenha se mostrado resistente ao público mais envelhecido, desde a década de 1990 é possível observar um pequeno e contínuo

reingresso dos mais velhos na força de trabalho, pelo fato de se tornarem atrativos por serem portadores de certas características da maturidade como: experiência, habilidade para se relacionar e até fidelidade ao emprego, tornando-se alvo de demanda pelos empregadores (BRITTO DA MOTTA, 2012).

Pessoas maduras economicamente ativas têm a experiência como grande aliada em uma sociedade que se baseia na educação e que possui na informação uma matéria-prima, pois a produtividade é gerada por meio da transformação de dados em informação. Atualmente, o mercado de trabalho tem recrutado mão de obra qualificada para atender às necessidades da era da informação. Assim, a era do capital intelectual se transforma em uma oportunidade para as pessoas quinquagenárias a partir do momento em que se baseia na capacidade humana de gerar conhecimento e não na força física. Portanto, algumas empresas buscam o trabalhador que possui acúmulo de experiência profissional, apoiadas na crença de que ele irá realizar atividades com mais eficiência, menos desperdício e com segurança que evitarão erros na tomada de decisões pois, situações similares já foram por ele vivenciadas (VANZELLA; NETO; SILVA, 2011).

Portanto, embora nessa idade, o ser envelhescente comece a se ver fora do mercado de trabalho, por outro lado, há empresas que buscam pessoas com mais experiência, o que proporciona aos quinquagenários uma forma de continuarem inseridos no meio trabalhista.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo aborda a caracterização da pesquisa, o local de realização da pesquisa e seus participantes, os procedimentos de constituição de dados, as análises dos dados, além das questões éticas relacionadas à pesquisa.

3.1. Caracterização da pesquisa

Esta pesquisa caracteriza-se por ser de natureza qualitativa, o que, para Minayo (2009), considera o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Esse tipo de pesquisa considera um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis quantitativas.

Nesse sentido, a pesquisa se preocupou com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, que nesse caso, são os sujeitos cinquentenários, com idades entre cinquenta e cinquenta nove anos. A abordagem qualitativa permitiu responder a questões voltadas para às particulares da realidade social desses sujeitos, a vivência e as construções sociais sobre a velhice, a partir da análise das diferenças de percepção sobre o envelhecimento observadas pelos sujeitos envelhecidos, considerando os marcadores de gênero socialmente construídos.

3.2. Local de realização da pesquisa e seus participantes

Os participantes desta pesquisa foram os funcionários da Universidade Federal de Viçosa (UFV), homens e mulheres que fossem quinquagenários, ou seja, que tivessem idade entre os 50 e 59 anos, chamadas de pré-idosos.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, Viçosa conta com uma população de 72.220 indivíduos nativos e uma população flutuante estimada em cerca de 15 mil pessoas, formada basicamente por estudantes dos cursos de Ensino Superior da cidade (CRUZ, 2012).

A cidade é caracterizada socioeconomicamente como pouco industrializada, com atividade agrícola voltada para o atendimento do mercado local e regional (MORAIS; BIFANO, 2015). Assim, com a implementação da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV), hoje Universidade Federal de Viçosa (UFV), em 1926, a dinâmica física, social, cultural, política e econômica da cidade se transformou (CRUZ, 2012).

Com a federalização da Universidade, a partir de 1969 (UFV, 2017), Viçosa vivenciou uma rápida e intensa migração, passando de 25.784 habitantes em 1970 para 74.171 em 2009 (CRUZ, 2010).

A Universidade Federal de Viçosa apresenta algumas peculiaridades em seu *campus*, pois recebe pessoas de diferentes partes do Brasil e também do mundo. Devido a origens tão diferenciadas, torna-se possível a convivência entre pessoas com diferentes costumes e culturas, possibilitando uma amplitude maior das mentalidades resultado da inserção em um espaço comum.

A cada ano, ingressam na UFV, mais de mil estudantes, em sua maioria muito jovens, dando um ritmo diferenciado ao trabalho nessa instituição e, talvez por isso, o campus seja muito utilizado, tanto pela comunidade universitária quanto pela da cidade, para a prática de atividades físicas, demonstrando uma preocupação com a preservação da saúde e do corpo. Por se configurar em uma bela área aberta e arborizada, com a natureza como pano de fundo, esse ambiente é propício para a prática de atividades físicas, o que leva este campus a ser utilizado para esse fim.

A Universidade Federal de Viçosa possui atualmente em seu quadro total de 3711 funcionários. Destes, 1.049 estão com idade entre 50 e 59 anos, sendo 242 mulheres e 807 homens, como mostra as tabelas 1 e 2:

Tabela 1: Total de Funcionários da UFV

Professores	Técnicos	Total
1307	2404	3711

Fonte: Pró-reitoria de Gestão de Pessoas, Universidade Federal de Viçosa, 2017.

Tabela 2: Funcionários da UFV, com idade entre 50 e 59 anos, por sexo

Sexo	Técnicos	Professores	Total
Homens	583	224	807
Mulheres	105	137	242
Total	688	361	1.049

Fonte: Pró-reitoria de Gestão de Pessoas, Universidade Federal de Viçosa, 2017.

Tabela 3: Funcionários da UFV, por sexo, participantes da pesquisa

Sexo	Técnicos	Professores	Total
Homens	2	8	10
Mulheres	2	8	10
Total	4	16	20

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Do total de funcionários da UFV com idade entre 50 e 59 anos, participaram da pesquisa 20 servidores, distribuídos entre quatro técnicos, sendo dois homens e duas mulheres. Os demais entrevistados, ou seja 16 deles, eram professores e/ou ocupantes de cargo de chefia dentro da instituição, sendo oito homens e oito mulheres.

O número reduzido de servidores técnicos entrevistados se justifica pelo baixo interesse dos funcionários em participar da pesquisa. Para a seleção dos participantes, o critério principal foi a adesão voluntária, o que, na maioria das vezes, foi negada por diferentes motivos. Eles se mostraram inseguros e questionavam o porquê da pesquisa, se a entrevista seria demorada e se as perguntas seriam difíceis de responder.

Mediante a recusa de vários técnicos, tanto homens como mulheres, o maior número de entrevistados foi representado pelos(as) professores (as), os quais aceitaram participar quando expliquei sobre a pesquisa.

3.3. Procedimentos de constituição de dados

Para alcançar os objetivos propostos, este estudo utilizou como técnica de constituição de dados a entrevista semiestruturada, que é um dos instrumentos mais usados na pesquisa qualitativa. Conforme Josgrillberg (2004) citado por Menezes, Lopes e Azevedo (2009, p. 600) “Todos nós somos subjetividades que atingimos as objetividades, nas quais a relação entre sujeito e objeto é vista como uma correlação, um está implicado no outro”.

Conforme Barros et al. (2006, p. 116), nas pesquisas sobre idosos são raros os trabalhos que não utilizam “entrevistas abertas ou a observação participante como coleta de dados, pois esses instrumentos são classificados como característicos da Antropologia Social”. Dessa forma, essa técnica de coleta foi selecionada por acreditar ser o melhor caminho para pesquisar as percepções dos participantes.

A entrevista seguiu um roteiro semiestruturado que abordou questões voltadas para o envelhecimento, levando em conta a percepção de pessoas que se encontram no processo do envelhecimento mas que ainda não atingiram a velhice oficialmente. O objetivo foi verificar o que eles pensam sobre a etapa de vida que os aguarda. Nesse processo, buscou-se desvelar como os sujeitos envelhecendo se sentem ao envelhecer e como percebem o envelhecimento em si mesmos e nos outros, sob uma perspectiva de gênero. Uma vez que:

Gênero é um conceito útil para entender a sociedade em que vivemos, porque ele nos ajuda a compreender melhor o que representam homens e mulheres nas diferentes sociedades. Gênero nos permite compreender que as desigualdades econômicas, políticas e sociais existentes entre homens e mulheres não são simplesmente produtos de suas diferenças biológicas. Mas, sim construções resultantes das relações sociais, ou seja, das relações entre as pessoas e delas com a Natureza, no desenvolvimento de cada sociedade. Essas relações vão construindo a história e as culturas dos povos. Estudando o desenvolvimento dos povos, observou-se que homens e mulheres mudam de papéis, de cultura para cultura e, ainda, no interior de cada uma delas, dependendo do período e das condições históricas em que estão vivendo. Portanto, as relações entre as pessoas em uma sociedade são orientadas por modelos, ideias e valores do que é masculino e feminino (SANTOS; BUARQUE, 2002, p.30).

Os dados obtidos por meio da entrevista possibilitaram uma análise não só das respostas em si, mas também da reação dos entrevistados e de seu comportamento a cada tema abordado.

3.4. Análise dos dados

Para a análise dos dados, as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra para não perder nenhuma informação importante, bem como para minimizar as distorções e erros dos dados. Assim, todas as falas dos entrevistados foram compiladas e agrupadas de acordo com as temáticas, para favorecer as análises. Destarte, foi possível observar as repetições nas falas dos entrevistados, em relação aos pontos positivos e/ou negativos do envelhecimento; quais as percepções sobre o corpo que envelhece; como se sentem em relação a si em meio ao processo do envelhecer; quantos fazem planos para a aposentadoria; como estão convivendo com a velhice, entre outros.

3.5. Questões éticas relacionadas à pesquisa

Como esta pesquisa fazia uso de questionários semiestruturados, ela foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Universidade Federal de Viçosa que em sua Resolução 466/2016, dispõe sobre os princípios éticos a serem considerados nesse tipo de investigação. Dessa forma, a presente pesquisa foi aprovada pelo CEP sob número 1.668.667.

Para a realização das entrevistas, os participantes receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, no qual constavam explicações sobre o projeto, os objetivos e critérios da pesquisa, riscos, benefícios (ou não), responsabilidades e direitos dos participantes, entre outras informações. Além disso, o documento garante o direito ao sigilo da identidade dos entrevistados, bem como a possibilidade de desistir a qualquer momento da pesquisa.

Visando preservar a identidade dos participantes da pesquisa, os nomes reais foram substituídos por fictícios.

3.6. Os participantes da pesquisa

3.6.1. Homens

Mateus

Mateus tem 51 anos. É casado e tem dois filhos: um de 20 e outro de 24 anos. Ele mora com a esposa e os filhos. Possui graduação em Geografia e mestrado no Departamento de Economia Doméstica. Ele é natural de uma cidade próxima a Viçosa, onde trabalhou durante sete anos como escrivão na Polícia Civil e veio para Viçosa na década de 1990, quando se casou e sua esposa passou no concurso da UFV. Em 1994, ele também fez o concurso e trabalha nessa instituição como assistente administrativo. Quando não está no trabalho, gosta de jogar futebol, cuidar das plantas de casa, ler e ver televisão.

Pedro

Pedro tem 57 anos. É divorciado e se casou novamente. Teve 3 filhos com a primeira esposa e um com a segunda esposa, com quem ele reside. Fez graduação em Ciências Biológicas na USP e mestrado em Ecologia, também na USP. Leciona na UFV desde 1987, de onde se afastou por alguns anos para cursar o doutorado em Ecologia na University of Southampton, Inglaterra. Tem como lazer cuidar da casa, do jardim e ler. Gosta de praticar atividades físicas como corrida e yoga.

André

André tem 54 anos. É casado e tem dois filhos. Atualmente mora com a esposa e o filho caçula de 23 anos, pois o mais velho já se formou e trabalha fora de Viçosa. Cursou graduação em Medicina Veterinária e especialização na Universidade Federal

Rural do Rio de Janeiro. Veio para a UFV em 1989. Em 1995, fez mestrado na UFMG e em seguida, doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, terminando em 2002. Após dar aulas por muitos anos, passou a trabalhar em cargos administrativos na UFV. Tem como lazer os jogos de futebol.

Guilherme

Guilherme tem 55 anos. É solteiro. Não tem filhos e mora sozinho. Possui alguns animais em casa. Começou a trabalhar aos 14 anos como office boy. Possui graduação em Agronomia. Lecionou por sete anos na faculdade onde se graduou. Fez mestrado e doutorado. Trabalha na UFV desde 1992. Atualmente ocupa um cargo administrativo nessa instituição. Nas horas vagas gosta de ficar em casa ou passear em cachoeiras e se hospedar em hotéis fazenda.

Bruno

Bruno tem 57 anos, é solteiro. Não tem filhos e mora sozinho. Fez sua graduação em Ciências Biológicas no Paraná. O mestrado e o doutorado em Biologia Celular e Estrutural foi feito na Unicamp, depois de estar lecionando. Sempre trabalhou nessa instituição. Além de lecionar na UFV, trabalha com fotografia. Na hora do descanso, gosta de ficar em casa, ler livros e viajar.

Lucas

Lucas tem 51 anos, é solteiro, sem filhos. Mora sozinho. Fez sua graduação, mestrado e doutorado em Ciências Biológicas na UNESP em São Carlos, interior de São Paulo. Fez concurso para professor da UFV em 1998, mas foi contratado somente em 2001, lecionando desde então, nessa instituição. Como lazer, gosta de frequentar a academia e ficar em casa.

Paulo

Paulo tem 50 anos. É divorciado e tem três filhos. Mora atualmente com sua companheira e dois filhos. Possui graduação e especialização em Gestão de Pessoas.

Paulo é técnico e trabalha no período noturno. Durante o dia, exerce outra atividade profissional. Quando não está no trabalho, gosta de ver futebol. Gostava de jogar futebol também, mas desde que começou a se machucar, parou. Gosta de passear com a esposa e os filhos, jogar baralho e viajar.

Vinicius

Vinicius tem 53 anos, é casado e não tem filhos. Mora com a esposa. Fez graduação em Ciências Biológicas. Mestrado em Ecologia e doutorado em Zoologia pela Unicamp. Em 1992 foi aprovado no concurso da UFV. A seguir, fez doutorado na Unesp, Rio Claro. Pós doutorado na Alemanha e Japão. É professor e praticante de Tai chi. Tem por lazer o cuidar dos animais de estimação, ficar em casa, viajar e frequentar bares.

Wesley

Wesley tem 51 anos, é divorciado e tem duas filhas, com as quais reside. Fez sua graduação e mestrado em zootecnia na UFV. Em 1994 foi contratado como professor e somente depois foi para Jaboticabal fazer o doutorado. Tem como *hobbie* o cultivo de bonsai. Como lazer, cuida de seus aquários, passeia com amigos e vai a shows de música.

Filipe

Filipe tem 56 anos, é casado e tem dois filhos. Mora com a esposa e os filhos. Fez sua graduação em Ciências Biológicas na PUC de Minas Gerais. Trabalhou como professor em Belo Horizonte. Fez mestrado em Zoologia e doutorado em Zoologia/Herpetologia no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Trabalha como professor na UFV há 25 anos. Quando não está no trabalho gosta de ficar em casa, jogar futebol e ir para o sítio.

3.6.2. Mulheres

Letícia

Letícia tem 50 anos, é casada e tem dois filhos. Mora com o marido e o filho mais velho. O outro estuda fora. Possui graduação em Ciências Biológicas pela UFV. Começou o mestrado, mas interrompeu para dar aulas no COLUNI, colégio de aplicação da UFV. A seguir deu aulas em escolas de ensino médio e em uma universidade; todos da rede particular. Nesse período voltou ao mestrado e fez doutorado, ambos em Meio Ambiente e Conservação da Natureza. Em 2012 foi contratada como professora na UFV. Tem por lazer o cuidar do jardim e de seus animais. Gosta também de visitar seus familiares e de receber pessoas em sua casa.

Thaís

Thaís tem 52 anos, é casada e tem dois filhos. Mora com o marido e o filho mais novo, pois o mais velho já formou e está trabalhando em outra cidade. Possui graduação em Ciências Biológicas pela USP de Ribeirão Preto. Fez mestrado e doutorado em Biologia Vegetal pela UNICAMP. Em 1994 começou a lecionar na UFV. Gosta de praticar atividades físicas, ficar em casa e viajar, quando não está trabalhando.

Luciana

Luciana tem 56 anos, é casada e tem duas filhas. Mora com o marido e uma filha, pois a outra se casou. Possui graduação em Engenharia de Alimentos e mestrado em Ciência e Tecnologia de Alimentos pela UFV. cursou o doutorado em Ciência dos Alimentos na Cornell University nos - Estados Unidos. Começou a dar aulas em 1987 e em 1993 se afastou para fazer o doutorado. Atualmente, além da docência, ocupa um cargo administrativo na UFV.

Ana Clara

Ana Clara tem 50 anos, é casada e mora com o marido e os seus dois filhos. Possui graduação em Economia Doméstica e especialização *latu senso em* Gestão de Projetos. Trabalha como assistente administrativo, mas antes tinha uma pré-escola. Quando não está trabalhando gosta de ficar em casa fazendo nada.

Carol

Carol tem 53 anos, é divorciada e mora com seus dois filhos. Formou-se em Letras na PUC do estado de São Paulo, onde trabalhou como professora do Ensino Fundamental. Ao se mudar para Viçosa continuou a dar aula em colégios da cidade. Nesse período fez mestrado e doutorado em Linguística e Língua Portuguesa na PUC de Minas, e em 2000, passou no concurso para professora da UFV. Quando tem uma folga, sempre que é possível, gosta de viajar para São Paulo para visitar os pais. Porém, quando não há essa possibilidade, gosta de ler, ver filmes, fazer caminhada na reta da UFV e viajar com os filhos.

Rita

Rita tem 52 anos, é casada e mora com o marido e os dois filhos. Possui graduação, mestrado e doutorado em Ciências Biológicas. Em 2007 começou a lecionar na UFV. Nas horas vagas gosta de ler, passear e atualmente está fazendo uma outra graduação.

Dalva

Dalva tem 52 anos, é casada e mora com o marido e seu filho. Possui graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado em Agronomia. Desde 2012 trabalha na UFV como técnica de laboratório. Nos momentos de lazer gosta de ficar em casa com o marido e o filho, fazer atividade física e viajar.

Ana Maria

Ana Maria tem 50 anos, é casada e tem um filho. Mora com o marido, pois seu filho estuda fora. Fez Medicina em Belo Horizonte. Possui mestrado em Ciências da Saúde e atualmente cursa doutorado em Ciências e Tecnologia de Alimentos no Departamento de Tecnologia de Alimentos da UFV. Fez residência em Pediatria. Desde 2009 trabalha como técnica de nível superior na UFV, além de trabalhar em seu consultório. Quando não está trabalhando, gosta de viajar, ficar em casa, ir para a fazenda, pescar e praticar atividade física.

Aline

Aline tem 52 anos, é divorciada e mora com a sua namorada. Não tem filhos. Coursou Ciências Biológicas na UFMG. Fez mestrado e doutorado na Unicamp, na Faculdade de Engenharia de Alimentos. A seguir, lecionou em faculdades particulares em Campinas e Belo Horizonte. Em 2002, começou a trabalhar na UFV como professora. Como lazer, gosta de ver programas esportivos e de gastronomia na televisão; de cozinhar para os amigos e frequentar bons restaurantes.

Laís

Laís tem 56 anos, é casada e mora com o marido e seus dois filhos. Coursou Farmácia e Bioquímica na UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora). Possui mestrado em Microbiologia Agrícola pela UFV e o doutorado em Biologia Molecular cursado na UnB. Começou a trabalhar como professora na UFV em 1994. Quando não está no trabalho gosta de ficar com os filhos e cuidar do jardim e do pomar de sua casa.

4. CORPO E APARÊNCIA AO ENVELHECER

Neste capítulo será discutida a busca permanente por uma aparência jovem, o corpo que envelhece visto como feio e alvo de preconceitos, as mudanças no vestuário com a proximidade da velhice e as percepções sobre a saúde do corpo que envelhece.

4.1. *Corpo feio, alvo de preconceitos*

Definir um termo para caracterizar as pessoas com mais de 60 anos de idade pode parecer simples e fácil. No entanto, se apresenta como um tema complexo e que requer maiores esclarecimentos. Para referir a essa etapa da vida existe uma diferença no uso dos termos velho, idoso e terceira idade.

O significado da palavra velho, frequentemente, assume o sentido de perda, deterioração, como também se relaciona a um objeto inútil, decadente e obsoleto, chegando a assumir a conotação de morte. O termo velho também está ligado à ideia de improdutivo, ultrapassado, já que é geralmente usado como antônimo de jovem. Já a expressão idoso, possui um efeito menos agressivo, já que não é usada para designar outra coisa que não seja o ser humano. Podemos dizer que uma casa ou um carro é velho, mas não idoso. Assim, normalmente quando se usa essa expressão, vem à mente a imagem de uma pessoa que nasceu há muito tempo, não levando automaticamente à relação com coisas velhas. “O prefixo “idos” significa, justamente, passados, percorridos” (SIMÕES, 1992, p. 10 e 11).

Baseado na literatura que versa sobre o envelhecimento, percebe-se que a velhice ainda é vista por grande parcela da sociedade como algo negativo, ruim, como se fosse uma fase para ser vivida apenas pelo outro, a qual nunca se chegará. Apesar de muitos estudos sobre o tema e de alguns avanços alcançados na ciência e nas políticas públicas voltadas para a pessoa que envelhece, o preconceito, a falta de informação e o desrespeito para com o idoso ainda são muito presentes em nossa sociedade.

Esse preconceito percorre a história da humanidade, e sobre o assunto, Beauvoir (1976, p.19) menciona que o filósofo Hipócrates, que possibilitou que a

medicina viesse a se caracterizar como ciência e como arte, considerava que a velhice teria início aos 50 anos e, tal como a doença, era resultado de uma ruptura com a saúde. Dessa forma, ele comparava as etapas da vida às estações da natureza, onde a velhice era comparada ao inverno. Sob essa perspectiva, ele declarou o estado de decadência da velhice, no plano biológico, que os velhos padecem de várias dificuldades, como tosse, disúria (dificuldade para urinar), vertigens, sonolência, dores, vista cansada, surdez e várias outras.

Esse aspecto biológico da velhice reverbera também no plano social. Assim, na Idade Média, o velho era visto como um “farrapo” humano e considerado repulsivo. O Renascimento, que trouxe ampla exaltação da beleza do corpo, levou a feiura dos velhos a ser altamente criticada, sendo a da mulher velha denunciada de forma cruel (BEAUVOIR, 1976).

A ampla valorização da juventude e dos corpos “perfeitos”, que foi se intensificando na Idade Moderna, notadamente a partir do período libertário dos anos 1960, contribuiu para aumentar ainda mais a visão negativa sobre o envelhecimento. Esse aspecto é muito forte na sociedade ocidental, que atribui ao corpo envelhecido o estatuto de “feio”, inadequado e ultrapassado.

Nas sociedades consumistas, não há lugar para o que é ultrapassado. Nas imagens veiculadas na mídia, quando não há somente a exposição de corpos “perfeitos”, a maioria dos produtos divulgados fazem apelos para um corpo jovial e “sarado”. Como efeito dessas pedagogias culturais, os ideais de beleza corpórea são reproduzidos dentro e fora do ambiente familiar, fomentando nas pessoas, inclusive nas mais velhas, o sentimento de que a velhice é algo feio e vergonhoso e, portanto, ao contrário de ser exposta, deve ser escondida.

Em função da valorização da beleza e de juventude, envelhecer pode ser uma experiência ambígua, quando associada a um estereótipo negativo. Assim, muitas pessoas têm buscado atingir o ideal de beleza e permanecer com a aparência jovem, visando fugir desses estereótipos. Nesse sentido, a velhice é vista como um período de deterioração e perdas, algo ruim e assustador, o que contribui para desvalorizar, inferiorizar e marginalizar essa fase da vida. (MINÓ, 2016, p. 58).

Sabemos que a beleza e a feiura são categorias subjetivas que variam

conforme as percepções individuais e o contexto cultural. Embora Monteiro (2013) afirme que “toda idade tem a sua beleza”, na nossa sociedade, a beleza é sempre vista em relação à juventude. Dessa forma, quanto mais a pessoa se afasta da aparência juvenil, mais ela é alvo de preconceitos e ridicularizações.

Assim, para escapar dos julgamentos e das sanções sociais, além de minimizar os efeitos causados pelo envelhecimento em seus rostos e corpos, a indústria da beleza lança uma diversidade de estratégias, como cosméticos e intervenção cirúrgica. Conforme Goldenberg (2011), a negação da velhice leva o Brasil a se figurar como um dos países onde a cada ano aumenta-se o número de pessoas que buscam no bisturi uma alternativa rápida para conseguirem diminuir os “estragos” causados pelo tempo.

Um exemplo dos preconceitos em relação à velhice, notadamente sobre o corpo velho foi quando a atriz Betty Faria, em 2013, aos 71 anos, foi à praia do Leblon, na cidade do Rio de Janeiro, usando um biquíni. As fotos dela foram divulgadas na mídia e ela recebeu muitas críticas pela exposição do seu corpo envelhecido. Essa questão, da exposição de um corpo velho foi discutida com os entrevistados desta pesquisa que tiveram diferentes reações sobre o tema.

As participantes mulheres, em um primeiro momento, usaram um discurso contra o preconceito a essa prática, dizendo que não há problemas da pessoa velha expor o seu corpo ao usar biquínis. Em seguida, ao serem questionadas se elas exporiam o seu corpo envelhecido, como fez Betty Faria, todas afirmaram que não. Nesse momento disseram que as pessoas mais velhas têm que ter discernimento para saber o que é adequado à sua condição de velho. Os homens, em sua maioria (oito deles), destacaram que o corpo feio, velho, flácido ou gordo não deve ser exposto. Caso seja, a pessoa tem que ter bom senso e usar roupa adequada para não parecer ridícula.

Laís (Professora com Doutorado, 56 anos), por exemplo, considera muito feio e inadequado o uso dessa peça por mulheres que já envelheceram, pois para ela, um corpo envelhecido é feio, e, portanto, deve ser escondido. Além de não gostar dessa exposição, ela também relata que não usaria biquíni e que talvez optasse por usar maiô, peça que é considerada mais apropriada para uma senhora. “Às vezes, a gente não tem o bom senso e acha que pode vestir um biquíni de uma menina de quinze

anos”.

Já Letícia (Professora com Doutorado, 50 anos) relatou que acha maravilhoso o fato de corpos diferentes serem expostos. Não só o corpo velho, mas também o gordo e todo aquele que foge do padrão das modelos das passarelas. Ela revelou que não deixa de ir à praia mesmo que tenha celulites e varizes. Quando vai a campo com os estudantes, prefere bermuda para entrar nas cachoeiras, por considerar uma vestimenta mais apropriada em eventos dos quais participa com seus alunos.

A antropóloga Mirian Goldenberg, em seu livro “Coroas” (2015), menciona que a ênfase na decadência do corpo só aparece na fala das mulheres brasileiras. Para as alemãs, o corpo e a aparência jovem não é valorizada, mas sim a realização profissional, a saúde e a qualidade de vida.

Luciana (professora com doutorado no exterior, 56 anos) relatou que o imperativo é o respeito. Enfatizou que, se estamos em uma época em que se prega o respeito à diversidade de gêneros, por que não respeitar os diferentes tipos de corpos também? Ela não vê nenhum problema no fato de uma mulher de setenta ou oitenta anos usar um biquíni na praia, desde que seja um biquíni adequado à sua idade. Ela mesma usa maiô por se sentir mais elegante, pelo fato de estar um pouco acima do peso.

Sobre isso, percebeu-se, nos discursos das entrevistadas, que o preconceito com relação a determinados tipos de comportamentos nem sempre é conscientemente percebido pelo sujeito. Há uma tendência em se reproduzir atitudes e sentimentos que vão sendo incutidos nas mentes sem que elas mesmas percebam. Por isso, há contradições nos discursos, ou seja, elas não criticam as idosas por usar biquínis, mas afirmam que elas mesmas não o fariam.

A maioria dos homens, oito deles, mencionaram não ver problemas na exposição do corpo envelhecido. Para Guilherme (professor com doutorado, 55 anos), o problema está na sociedade em que vivemos, “em que vigora a falta de respeito, não somente em relação à pessoa velha, mas em todas as coisas”. Para ele o importante é a pessoa estar de bem consigo mesma e não deixar se influenciar pela opinião alheia. No caso da atriz Beth Faria, ele considera que ela está bem resolvida com a velhice, e quem não está é a sociedade que insiste em julgar as pessoas pela aparência.

Já Paulo (Técnico com Pós-graduação, 50 anos), afirma que as mulheres velhas não devem se intimidar em usar biquíni, mas as gordas têm que tomar cuidado para não usarem roupas desproporcionais aos seus corpos. Em seguida, ele acrescenta que o corpo feio com pelanca e muxiba¹² não deve ser exposto, pois agride os olhos.

Para Filipe (professor com doutorado, 56 anos), tudo depende da pessoa, uma vez que é preciso ter senso do ridículo. A pessoa só deve exibir seu corpo se ela estiver bem, não importando a idade. Se estiver bem, ela deve se mostrar, mas se estiver muito “muxibenta” e “baleiosa”, não. “Quem é jovem e muito gordinha às vezes não põe biquíni, prefere por um maiô para ficar até melhor para os olhos das outras pessoas. Acho que quando ficar velho tem que ser o mesmo tipo de pensamento.”

Os dois últimos relatos refletem bem o que acontece em nossa sociedade, mais especificamente em nosso país que, de acordo com Míriam Goldenberg (2011), faz do corpo um capital muito valorizado. Para ela, ele se tornou mais importante do que as roupas, e deve ser exibido como um bem de muito valor. Portanto, os envelhecidos, gordos ou com uma estética “desagradável”, devem ficar escondidos para não “ferir” os olhos alheios.

Diante dos julgamentos sociais, os participantes do estudo de ambos os sexos mencionaram o desconforto resultante do aumento de peso na velhice. Oito mulheres entrevistadas relataram que junto com o envelhecimento veio a disposição para o aumento do peso e que seus corpos perderam a elegância por não conseguirem mais manter o corpo magro, como destacou Luciana (professora com doutorado no exterior, 56 anos): “Engordei muito. [...] Apesar de continuar comendo pouco, mas eu fiquei [gorda], também por causa do cargo, mais sedentária”. A insatisfação com o aumento do peso tem levado Luciana a não usar mais determinados tipos de roupa, por se sentir desconfortável pelo excesso de peso.

Carol (professora com doutorado, 53 anos), também relatou ter percebido muitas mudanças em seu corpo: “Tento fazer exercícios todos os dias, tento cuidar da alimentação. Tento me cuidar, basicamente, quando posso e tenho tempo. Mas

1 Muxiba é um modo popular de se referir a carne magra, de segunda categoria, também chamada de pelanca. Refere-se também a mulher velha e/ou muito feia.

percebi muitas modificações sim, muitas, nada agradáveis.”

Mesmo quando a mulher está inserida em um meio onde se discute constantemente a igualdade entre os gêneros, como no caso da Universidade, percebe-se que o incômodo causado pela mudança na aparência devido à idade, pesa ainda mais sobre as mulheres do que sobre os homens.

Eu acho que a gente sempre muda um pouco, por que... Até nem é pela idade, propriamente, mas é pelo peso, meu sobrepeso, vou dizer assim. Então hoje eu vejo que, hoje não, já há alguns anos, eu não vejo muito bem usar certas coisas, desde coisas muito curtas, ou, por exemplo, blusa sem manga. Eu tento evitar não porque está, digamos assim, muito envelhecido ou muito caído. Não é isso. É mais pelo fato de estar mais gordinha mesmo, do sobrepeso e achar que não é muito adequado. (Aline, professora com doutorado, 52 anos).

O depoimento de Aline sobre o incômodo com o seu corpo nos remete a discussões de Del Priore (2000) sobre a mudança do ideal de beleza feminino. Até a década de 1960, o modelo de beleza das mulheres era o mais robusto e voluptuoso como as estrelas de cinema, Marilyn Monroe e Sophia Loren. Recentemente, ele vem sendo substituído por modelos esguálidos das passarelas como Kate Moss e Cláudia Schiffer. A autora menciona que chegamos a uma era lipofóbica onde a estigmatização do corpo gordo leva a um desvio profundo entre identidade social e identidade virtual. Assim, para ter um corpo socialmente aceitável, faz-se necessário o controle do apetite, pois os gordos são considerados dignos de pena e vistos como pessoas que não conseguem conter a gula, mesmo que o sobrepeso seja por questões hormonais.

Enfatizando o padrão magro, as revistas, a televisão e a internet exibem manchetes com promessas de dietas milagrosas para se perder peso a tempo de expor o corpo no verão. Esse fato chama a atenção dos médicos que afirmam que a magreza se tornou um problema sociocultural, pois a pressão para se obter um corpo ideal tem feito com que as mulheres o busquem a todo custo, mesmo que tenham que esquecer de ingerir calorias essenciais para uma vida equilibrada (DEL PRIORE, 2000).

Para Ana Maria (médica com mestrado, 50 anos) a chegada dos cinquenta anos não foi muito agradável. Ao ser questionada se houve mudanças em seu corpo,

ela respondeu: “Sim, sim. Uma dificuldade enorme para manter o peso. O que eu faço hoje, é muito mais sacrificante do que antes. A questão hormonal mesmo já está mexendo.” (Ana Maria, médica com mestrado, 50 anos)

Laís (professora com doutorado, 56 anos) revela que vai frequenta a academia e faz caminhadas porque não quer que seu corpo continue com a tendência de aumentar o peso. Ela destaca que não quer ter um corpo de uma menina de vinte anos, mas também não quer que seu corpo envelheça sem que ela faça algo para melhorá-lo, mantendo assim sua saúde: “Até mesmo porque hoje em dia a gente sabe que atividade física é saúde e com atividade física você acaba preservando o seu corpo”.

Entre os homens, também houve relatos de aumento de peso. Paulo (Técnico com especialização, 50 anos) disse que se tornou diabético e engordou bem, principalmente depois que parou de jogar futebol. Nesse caso, ele sentiu mudanças na saúde, no aumento de peso, e na falta de resistência o que o levou a parar de jogar futebol. Ele menciona que os problemas apareceram, principalmente, quando ele abandonou o esporte, pois ganhou muito peso. O mesmo aconteceu com Pedro (professor com doutorado no exterior, 57 anos) que notou uma maior facilidade para o ganho de peso, mesmo sendo praticante de atividades físicas.

Pela fala dos participantes, tanto homens como mulheres, percebe-se que há um preconceito velado em relação ao velho em nossa sociedade. Principalmente em relação à exposição de um corpo que de alguma forma não corresponde aos padrões estéticos estabelecidos, onde só a beleza e a juventude é digna de ser exposta.

4.2. Mudanças no vestuário com a proximidade da velhice

O aumento do peso, a mudança no corpo e a percepção sobre a proximidade da velhice levaram as mulheres a mudar o modo de vestir depois dos 50 anos. Entre as participantes que revelaram não ter mudado seu vestuário, estão Thaís (professora com pós-graduação no exterior, 52 anos) e Carol (professora com doutorado, 53 anos) que responderam simplesmente “não”. Já Rita (professora com doutorado, 52 anos) relatou achar muito estranho mulheres velhas “usarem roupas de adolescentes

só para parecerem mais jovens porque fica meio ridículo”. Ela destacou ter comprado recentemente um macacão, não para se sentir jovem, mas porque sempre quis ter um e nunca havia tido a oportunidade. Ela enfatiza que vai continuar usando as mesmas roupas que sempre usou.

Luciana (professora com doutorado no exterior, 56 anos) relatou não ter sido uma adolescente ousada, uma vez que sempre usou roupas sóbrias. A única mudança que fez no vestuário, ocorreu devido ao fato de ter ganhado peso e ter passado a sentir muito calor com a chegada da menopausa, por isso, passou a preferir vestidos.

Aline (professora com doutorado, 52 anos) também destacou que mudou seu vestuário devido ao ganho de peso, mas não tem preferência por vestidos, mas evita roupas que exponham os braços e outras partes do corpo que revelem seu sobrepeso. No entanto, isso não a impede de usar bermudas e outras roupas mais leves quando viaja para o litoral.

Dalva (servidora com doutorado, 52 anos) revelou que não mudou e ainda não usa roupa de velha. Ana Clara (técnica com graduação, 50 anos) fez essa declaração: “Não. Eu não vou colocar uma minissaia, acho. Talvez. Não sei se eu colocaria. Porque também nunca coloquei, então não sei se está relacionado a isso. Se eu fosse uma pessoa que tivesse usado antes eu usaria agora. Não sei”.

Laís (professora com doutorado, 56 anos) relatou que mudou pouca coisa. Ela simplesmente evita usar roupas muito curtas. Ana Maria (médica com mestrado, 50 anos) disse que resolveu mudar totalmente seu guarda-roupa com a chegada dos cinquenta anos. Ela deixou claro que sentiu que deveria mudar, pois estava entrando na maturidade:

[...]o meu vestuário eu mudei tudo. Assim, e eu percebo assim, sendo mais autêntica na minha forma de vestir, sabe? Antes, às vezes, eu ficava um pouco preocupada com o que que estava acontecendo, como que as outras pessoas estavam vestindo. Agora não. Totalmente autêntica; visto... Quando eu vou pensar numa roupa, comprar uma roupa, eu vejo que isso está bem para mim, isso está me fazendo bem. Enfim, não é porque está sendo usado que eu vou usar. E outra coisa muito interessante, isso foi consciente, foi uma mudança assim, de preparar para entrar nos cinquenta de uma nova forma. Assim, de eu pegar meu guarda-roupa e [...] mudar tudo, pensando mais nessa coisa, no que me faz bem, no tecido que está sendo confortável para mim, eu estar mais bonita (Ana Maria, médica com pós-graduação, 50 anos).

Para algumas mulheres, a roupa deve acompanhar o desenvolvimento da idade, ou seja, elas pensam que uma roupa de adolescente só fica bem em um corpo adolescente. Assim, com a chegada da maturidade o ideal seria se vestir de forma adequada para não parecerem ridículas. Esse sentimento não é compartilhado pelos homens que fazem questão de dizer que continuam se vestindo da mesma forma da juventude, como forma de dizer que não sentem que envelheceram, por isso não precisam mudar o vestuário com a chegada da idade.

Gilberto Freire (1987) em sua obra “Modos de homem, modas de mulher”, apud Goldenberg (2011), relata que as brasileiras são muito exageradas em sua preocupação em seguir a moda, principalmente as mais velhas por acreditarem que as modas novas atuariam como aliadas na luta contra o envelhecimento. Para ele, sempre haverá modas novas que cooperam para o rejuvenescimento, principalmente se acrescidas de cosméticos, tinturas e plásticas.

Del Priore (2000) menciona que há na roupa um caráter ambivalente que desvela ao cobrir as partes mais cobiçadas da anatomia. Ela consegue ser simultaneamente um instrumento decisivo e um obstáculo à sedução. Uma das funções da roupa é modificar as formas que determinam comportamentos, posturas e gestos. Essas funções e as formas das roupas acompanham as circunstâncias, as classes e os papéis sociais. Percebe-se que uma mulher não tem a mesma postura se está vestindo uma roupa curta ou comprida, como também não caminha da mesma forma se está de salto alto ou não.

A pergunta sobre a forma de se vestir aos 50 anos gerou nos homens uma reação espontânea e engraçada, pois todos eles responderam de forma bem humorada sobre as mudanças no vestuário com a chegada da maturidade. Embora as respostas tenham sido diferentes, a maioria, oito deles, disse que não mudou sua forma de vestir. Um dos entrevistados disse que teve que mudar em virtude do cargo que ocupa e outro disse que simplesmente não prestou atenção a esse detalhe.

Os entrevistados relataram que não se preocupam com a questão do vestuário. No decorrer da entrevista, diziam essas expressões: “sou relaxado com roupas”, “não ligo pra isso” ou “não presto atenção”. Somente um dos entrevistados relatou que muitas vezes percebe que o atendente das lojas de roupas tem um preconceito velado ao manifestar o seu desejo de comprar roupas coloridas.

Essa semana passada foi muito engraçado. Eu cheguei para comprar uma roupa e a pessoa falou assim: “Ah, mas roupa?”. “Cor, cor, cor”. Eu repeti três vezes para ela “cor”. Porque [...] às vezes você quer chegar num lugar e comprar alguma coisa que é diferente e as pessoas só faltam falar para você “só tem coisa para velho”. Entendeu? (Guilherme, professor com doutorado, 55 anos).

Quando questionado se mudou seu modo de vestir, Pedro disse que ele é muito relaxado quanto ao modo de vestir:

Não. Eu sou muito desleixado mesmo. Até para me vestir. Minha esposa que às vezes me controla um pouco mais. Mas, normalmente, eu sou muito desleixado. Gosto de vir dar aula de bermuda. O pessoal fica me perguntando: “Você está de férias?” “Não, estou de bermuda”. Eu não sou obrigado a passar calor, né? Então eu sou muito desleixado com essas coisas (Pedro, professor com doutorado no exterior, 57 anos).

Essa fala foi similar à de Lucas (professor com doutorado, 51 anos) que revelou que continua relaxado como sempre foi. Ele ainda usa camiseta de malha branca e calça jeans. Ele destacou que sempre usou e continuará usando. As mulheres costumam falar para ele: “Nó, você precisa comprar calça, precisa comprar isso”. Mas ele não liga. O que o preocupa é o conforto, principalmente em relação aos calçados.

Outro exemplo marcante sobre essa questão foi a resposta do Filipe (Professor com Doutorado, 56 anos), que me olhou com uma expressão divertida e perguntou: “Vestir? Você sabe que para homem essa pergunta, assim... Eu nem reparo. Mas eu tenho camisas que eu uso desde a época de solteiro, por exemplo. Eu tenho... Tem roupa que tem mais de vinte anos [...] que eu uso”.

Vinícius (professor com doutorado no exterior, 53 anos) revelou percepções um pouco diferentes. Ele relatou que usa camiseta, bermuda e chinelo, padrão de vestuário que não se encaixa no perfil de professores universitários, não como uma forma de protesto, mas por se sentir bem. Disse que não presta muita atenção em sua forma de vestir e que talvez essa seja uma característica masculina ou, simplesmente, pessoal.

A questão da vestimenta mostrou-se muito diferente entre homens e mulheres. Enquanto as mulheres se revelaram preocupadas com suas roupas, pois todas elas responderam de uma forma séria, pensando antes de responder. Já os

homens consideraram a pergunta engraçada e responderam de forma rápida, quase automática, afirmando não se preocupar com o vestuário. Com isso, percebe-se que o envelhecimento é comum a todos, mas a adaptação e reação diante das mudanças é diversa.

4.3. Busca permanente por uma aparência jovem

Com o passar do tempo, as pessoas vão envelhecendo e poderão não se identificar com a imagem projetada no espelho, pois geralmente, a mente não acompanha o corpo. Com esse pensamento, muitas pessoas buscam alguma forma de retardar o processo do envelhecimento. Enquanto algumas pessoas buscam uma alimentação mais saudável ou a prática de esportes como uma forma de minimizar esse processo, outras recorrem a outros meios, como os cosméticos e/ou as cirurgias plásticas.

De acordo com Goldenberg (2011) talvez, seja esse o motivo pelo qual o Brasil é considerado o segundo país em número de cirurgias estéticas. Nossa sociedade consumista exige corpos perfeitos e a aparência jovem, como um requisito para ser feliz. O impacto da imagem do corpo jovem e idealmente perfeito relaciona-se entre a discrepância da realidade objetiva e os sentimentos subjetivos, pois, em uma cultura como a brasileira, em que o corpo e a aparência são um importante capital, a velhice acaba sendo vivenciada como um momento de grandes perdas (GOLDENBERG, 2010). Mirian Goldenberg (2011), em seu trabalho intitulado: “Afinal o que querem as mulheres?”, diz que no Brasil, o corpo, mas não qualquer corpo, somente aquele sem características indesejáveis, tais como: rugas, estrias, celulites e flacidez, é o único que mesmo sem roupa, continua decentemente vestido. E é ele que deve ser costurado, moldado, construído, produzido e imitado, afinal, é ele quem entra e sai de moda, restando à roupa o status de acessório para valorizar e expor o corpo como um capital.

No caso das mulheres, além da preocupação com a debilidade do corpo, elas demonstraram a preocupação com a aparência. Como destacou Ana Clara (técnica com graduação, 50 anos): “Eu acho o homem um pouco diferente na questão física. Eu acho que a mulher aparenta ser mais envelhecida que o homem. O homem, não,

ele não aparenta muito isso fácil.”

Pelo relato dos homens entrevistados, nota-se que eles também percebem que há uma corrida desigual das pessoas contra o tempo. Digo eles também, porque em nossa cultura, a beleza e a juventude são fatores normalmente relacionados ao feminino. As pedagogias de gênero divulgadas nas diferentes mídias, ensinam que homem e mulher têm que ser diferentes, como se o sexo definisse as características de cada um.

Acerca da realização de cirurgias plásticas para “melhorar” a aparência que envelhece, entre os homens entrevistados, a maioria deles, sete, disseram que isso é uma questão pessoal. Se a pessoa achar que deve fazer alguma intervenção estética para se sentir melhor, ela deve fazer, independentemente de ser homem ou mulher.

Tudo que for... Eu acho que tudo que for para retardar a velhice, não exatamente a velhice, mas o quadro que a velhice nos traz, é válido, perfeito. Agora, tem que ter o cuidado. Porque muitas pessoas têm essa tentativa e terminam prejudicando muito mais em termos de saúde. A gente vê quantas cirurgias em que a pessoa fica totalmente deformada. Eu acho que o bom senso é importante. Mas quanto mais jovem se mantiver, certamente é mais interessante para a pessoa (Bruno, professor com doutorado, 57 anos).

Se for uma coisa estética, uma coisa que incomoda muito a pessoa. Se deu muita pelanca debaixo do pescoço e quer tirar um pouco para melhorar, se sentir melhor, tudo bem. Mas tem gente que não tem barriga nenhuma e ainda quer tirar o que não tem (Paulo, técnico com pós-graduação, 50 anos).

Esses excertos das entrevistas apontam a liberdade que o sujeito deve ter para escolher fazer o que lhe agrada. As intervenções cirúrgicas são uma das formas de se fugir do corpo natural para se inserir no plano cultural em que se busca moldá-lo para atender aos padrões de beleza joviais, culturalmente determinados.

Bourdieu (2007) apud Goldenberg (2015) diz que tudo o que chamamos de natural como as atitudes corporais, isto é, o charme, a elegância, a beleza e o porte, na verdade foi construído, e não passam de uma forma que encontramos de legitimar socialmente a maneira que nos conduzimos e nos apresentamos. Portanto, no processo de valorização dos padrões e beleza corpórea, a atitude de deixar-se envelhecer naturalmente pode ser taxada de desleixo, como os corpos pelancudos, gordos ou fora de forma.

Mead (1935) apud Le Breton (2007) ressalta que as características relativas ao sexo são resultantes do meio cultural e social em que se vive, e não de um gráfico natural onde o homem e a mulher permaneceriam fixos em um destino biológico. “A condição do homem e da mulher não se inscreve em seu estado corporal, ela é construída socialmente” (p. 66).

Para Le Breton (2007), a corporeidade é um fenômeno social e cultural, “motivo simbólico, objeto de representação e imaginários” (p. 7). Assim, o ator social possui um corpo compreensível, carregado de valores e de sentidos, de forma que pode ser compartilhado por outros atores, como ele, inseridos no mesmo sistema de “referências culturais” (p. 8).

Para esse autor, em nossa cultura, a partir da década de 1960, com a revolução sexual, o corpo passa a ter uma outra conotação e adquire valores que chegaram a abalar a modernidade: a permanência do provisório transforma-se em tempo da vida. “ O corpo, lugar de contato privilegiado com o mundo, está sob a luz dos holofotes”(p. 10). Agora, esse mesmo corpo que permanecia oculto, passa a ser exposto, exigindo assim, uma aparência sempre bonita que agrada os expectadores.

Diante da ditadura da beleza, há homens que revelaram um sentimento ambíguo em relação a um corpo fora dos padrões, como Mateus (técnico, especialização, 50 anos), que disse não ver “o menor problema” na exposição de um corpo velho. Porém, deve-se tomar cuidado, pois as pessoas podem interpretar essa exposição de uma forma diferente, principalmente as mais jovens, ou até mesmo as mais velhas, visto que tiveram uma educação diferente. Essas pessoas podem pensar que, com essa exposição, a pessoa velha queira, na verdade, aparentar algo que não é, demonstrando assim, não possuir auto-crítica. A esse respeito, Paulo teceu o seguinte comentário:

Não, acho comum, acho normal. Agora, algumas mulheres, às vezes, colocam uma roupa desproporcional com o corpo delas. Às vezes, uma pessoa que está muito gorda não deveria colocar um biquíni muito pequeno. Não tem problema não. Mas isso aí pode ser com qualquer mulher, mas principalmente as mulheres que estão gordas, estão com muita pelanca, esse tipo de coisa, aí coloca uma roupa muito curta, aí não fica muito bonito. Fica meio vulgar, entendeu? Não fica elegante não (técnico com especialização, 50 anos).

Observa-se pelos relatos dos participantes que há uma contradição em suas afirmativas. Ao mesmo tempo que revelaram não verem problema com a exibição do corpo velho, eles relataram que consideram adequado que seja exposto somente aquele que está dentro dos padrões. Assim, tudo o que for feio, gordo, apresentar “defeitos” ou sinais de velhice deverá ficar escondido, ou seja, longe dos olhos alheios. Essa assertiva, que revela uma visão da sociedade de forma mais ampla, pode levar às pessoas a buscar formas de permanecerem bonitas e jovens por mais tempo.

Ao buscarem uma aparência jovem, mesmo estando em idade mais avançada, os sujeitos acabam negando a velhice. Assim, as pessoas incorporam esse sentimento de parecer jovem para serem inseridos na sociedade, deixando de assumir os aspectos corporais inerentes à sua idade.

Essa questão aponta para o aspecto identitário. Conforme Hall (2004), a identidade se constrói na relação com o outro. Convivendo com pessoas que valorizam um corpo segundo os padrões, as pessoas vão se acostumando com os julgamentos sociais que recaem sobre os que se encontram fora dos padrões, assimilando os discursos hegemônicos sobre a corporalidade e a “beleza”, fruto de uma construção que varia ao longo da história.

Vinícius (professor com doutorado no exterior, 53 anos) relata que não tem vontade de fazer nada para manter uma aparência jovem, mas acredita que a esposa dele quer fazer, pois ela comenta que algumas amigas fizeram. Ele disse que não percebe nada que justifique uma intervenção cirúrgica, mas ela, por ser mulher, percebe “essas coisas”. Na percepção dele, a juventude está na cabeça das pessoas e não em seus corpos. Assim, para ele, a idéia disseminada pela indústria da beleza, não faz sentido, pois as pessoas devem deixar os sinais da velhice aparecerem naturalmente em seus corpos e rostos.

Semelhantemente, três entrevistadas disseram que não concordam com intervenções mais radicais na busca por permanecer jovem. Como destacou Ana Clara (servidora com graduação, 50 anos), buscar nas cirurgias plásticas um recurso para rejuvenescer só levaria a pessoa a um desgaste mental. Só serviria para a não aceitação da idade pelos outros e por si mesmo.

Entre as mulheres, foi destacada a necessidade de se ter bom senso. Sete delas

disseram que, se para a pessoa se sentir melhor, ela tiver que fazer um tratamento ou até mesmo uma cirurgia, ela pode fazer, desde que não chegue a ficar com o rosto deformado ou sem harmonia com o corpo. Rita (professora com doutorado, 52 anos), por exemplo, disse que acha desnecessário lançar mão de cirurgias para esconder a idade. Para ela, devemos ter a aparência da idade que temos, mas se a pessoa sentir que não está muito bem, poderá fazer uma plástica.

Dalva (técnica com doutorado, 52 anos) disse, com um grande sorriso no rosto, que já colocou silicone, faz tratamento para a pele, fez *botox* e também uma cirurgia de retirada de pálpebras. Disse, ainda, que, assim que puder, fará outras. Thaís (professora com doutorado no exterior, 52 anos), por sua vez, disse já ter feito cirurgia para implantação de próteses de silicone e declarou, com muito bom humor: “Ah, sim! Sou viciada em cremes! Sou viciada em tratamento para reduzir as rugas do rosto! Isso sim! Completamente dependente!” Esses relatos demonstram a satisfação dessas duas participantes no cuidado do corpo para a manutenção da beleza e da juventude.

As outras seis têm um pensamento muito parecido em relação a esse tema. Desde que se tenha o cuidado para não cair no exagero, elas acham que as pessoas devem ser cuidadosas com a aparência. Isso fica claro no relato de Laís (professora com doutorado, 56 anos), que ser importante haver equilíbrio. Não adianta fazer plástica de dois em dois anos, o que levaria a uma aparência estranha. Mas se a pessoa tem vontade de fazer uma cirurgia de vez em quando, ela deve fazer.

Thaís (professora com doutorado no exterior, 52 anos) disse que o importante é a autoestima. Se para a pessoa se sentir bonita for necessário uma plástica, deve-se fazer, pois a autoestima elevada faz melhorar a qualidade de vida das pessoas, provocando até mesmo melhoria da saúde. Para ela, o que importa, é a pessoa sentir-se bem.

Em função desse não sentir-se bem com o seu corpo e a necessidade de fazer uma intervenção cirúrgica para alcançar a “beleza”, a antropóloga Mirian Goldenberg ressalta que somente um por cento das mulheres brasileiras se sentem bonitas. Em função disso, mais de cinquenta por cento delas já pensaram na possibilidade de fazer cirurgias plásticas, e quase dez por cento, já passaram pelo procedimento. Para a autora, as principais razões para uma mulher brasileira fazer uma cirurgia plástica

são: a diminuição dos efeitos do envelhecimento no corpo em busca de uma melhor aparência e a necessidade de corrigir um defeito físico e a aquisição de um corpo belo.

A busca pelo corpo perfeito tem levado a uma ampliação do uso de botox e de próteses de silicone, como também de cirurgias plásticas (GOLDENBERG, 2011). A trajetória de vida das mulheres é marcada muito cedo pelas intervenções em seus corpos, o que perpassa o tempo e chega à velhice, controlando os seus sinais, com cirurgias, reposição hormonal, cremes, vitaminas e outras coisas (LINS DE BARROS, 2006).

A percepção que cada um tem sobre o corpo que envelhece é diferente entre homens e mulheres, o que faz do corpo feminino alvo de mais investimentos médico e estético, se comparado aos homens. Isso acontece porque historicamente as mulheres não puderam estudar, trabalhar fora nem participar da política. Assim, os cuidados com o corpo, o vestuário e a busca por um casamento eram as maiores preocupações das mulheres. Entretanto, mesmo com a escolarização feminina e a entrada das mulheres no mercado de trabalho, a constante busca da beleza pelas mulheres não foi alterada.

Assim, a busca da beleza, constitui uma terceira jornada de trabalho que inferioriza as mulheres. Como se não bastasse os homens não dividirem o trabalho doméstico, o que leva a mulher trabalhadora a uma dupla jornada de trabalho, o investimento em beleza as leva a uma tripla jornada de trabalho, como destacou Naomi Wolf (1992) no livro “O mito da beleza”.

Quando apresentei aos homens a pergunta se fizeram ou fariam algum procedimento para retardar o envelhecimento, quase todos foram muito firmes ao dizerem que não. Em vez de investir em procedimentos estéticos, eles relataram que praticam esportes. Com relação à intervenção cirúrgica para retardar o envelhecimento, alguns deles até brincaram com a pergunta, achando estranho fazer essa pergunta a um homem, pois consideram que a vaidade pertence ao universo feminino.

Diferente de duas participantes que se mostraram muito satisfeitas em relatar a quantidade de intervenções estéticas que já fizeram, os homens tiveram uma reação mais séria ao contrário, brincaram com a pergunta, como se ela não fosse digna de

ser levada a sério. Esse fato leva à reflexão da reprodução das diferenças entre os sexos, a partir da construção dos ideais dicotomizados entre os sexos.

Filipe (Professor com Doutorado, 56 anos) informou que para o homem é muito difícil pensar em coisas estéticas. Vinícius (Professor com Doutorado no Exterior, 53 anos) respondeu simplesmente: “Não”. Ficou sério e não falou mais nada sobre o assunto. Apenas dois dos entrevistados disseram que talvez façam alguma intervenção cirúrgica um dia. Um deles revelou que seria para corrigir as pálpebras que, com o tempo passa a atrapalhar a visão e o outro seria para reduzir a barriga, caso ela crescesse muito.

Em contrapartida, André (Professor com Doutorado, 54 anos) foi o único que disse que se a barriga crescer muito fará, ele não disse talvez, pelo contrário, foi categórico ao dizer que fará uma lipoaspiração para eliminar a barriga, mas em seguida resolveu se justificar dizendo que a barriga atrapalharia seu rendimento ao praticar suas atividades físicas.

Essa mesma pergunta com as participantes mulheres surtiu um efeito muito diferente. Todas responderam com descontração e bom humor. Até mesmo duas delas que disseram que não fizeram nenhuma intervenção e nem pretendem fazer, responderam de uma forma tranquila, não demonstrando nenhum incômodo como no caso dos participantes do sexo masculino.

Pedro (Professor com Doutorado no Exterior, 57 anos) revelou que a busca pela eterna juventude é uma perda de tempo, pois não há nada que vá impedir que a velhice se instale. Para ele, o idoso deve deixar sua aparência velha aparente e fazer um bom uso dela, aproveitando os “direitos” adquiridos com a idade avançada. Ele acredita que às pessoas idosas são admitidas coisas que não são toleradas aos mais jovens, como o fato de que o velho não precisar fingir gostar do que não gosta e pode falar tudo o que pensa. Portanto, se a pessoa tira de si a aparência envelhecida, ela perde esses “privilégios”. Esse depoimento mostra o preconceito que algumas pessoas têm em relação à velhice, reforçando a ideia de que as pessoas velhas são mal humoradas.

Wesley (Professor com Doutorado, 51 anos) vê dois motivos para a busca da eterna beleza: o medo da proximidade da morte, em que a pessoa pensa que se ela se mantém com uma aparência jovem, ela poderá retardar a chegada da morte, bem

como a busca por portas abertas, em que o sujeito pensa que a beleza e a juventude criam oportunidades de emprego e de relacionamentos. Para ele, o indivíduo bonito e jovem tem mais facilidade tanto para conseguir uma boa colocação no mercado de trabalho, quanto para conseguir se relacionar com as pessoas. Seja um relacionamento social ou mais íntimo.

Para Luciana (professora com doutorado no exterior, 56 anos), as pessoas devem viver cada etapa da vida de forma plena. Deve-se viver tudo de bom que há nos trinta, nos quarenta, cinquenta anos e assim por diante. Para ela, cada idade tem suas características peculiares e que devem ser aproveitadas em sua plenitude. Não há motivo para se buscar a eterna juventude já que é possível ser feliz na maturidade e na velhice.

Segundo Letícia (professora com doutorado, 50 anos) as intervenções em busca da eterna juventude são totalmente desnecessárias, pois elas criariam uma realidade falsa, com uma aparência que não condiz com a idade da pessoa. Para ela, envelhecer é algo belo, pois é a maneira de se viver uma história maior, já que através da idade pode-se interpretar os fatos da vida de uma forma mais serena, influenciando de uma forma positiva as pessoas do seu convívio, principalmente as mais jovens. Portanto, as cirurgias só serviriam para camuflar o que os anos vividos nos dão de melhor: a experiência e a maturidade que não conseguimos na juventude.

Conforme Farias (2016), só não envelhece quem não morreu mais cedo. Portanto, envelhecer deve ser encarado como um privilégio negado a muitos.

4.4. Percepções sobre a saúde do corpo que envelhece

Entre os sujeitos desta pesquisa, quando eram abordados sobre as repercussões negativas do envelhecimento, todos os entrevistados citaram que o maior incômodo está em perceber que ocorre a diminuição do vigor físico em contraste com a disposição da juventude, Como ressaltou Ana Maria (médica com especialização e mestrado; 50 anos), a parte negativa do envelhecimento é a diminuição da energia física da juventude pois, com a velhice, o corpo enfraquece e, em contrapartida, “a parte intelectual vai melhorando”.

Apesar de homens e mulheres terem destacado esse aspecto, ele tornou-se

mais presente nos depoimentos dos homens, que se mostraram preocupados com a questão da saúde, da diminuição da vitalidade e da virilidade, principalmente com receio de não conseguirem um bom desempenho sexual.

As partes ruins são, sei lá, a velhice pode tirar alguns movimentos que você não vai ter mais, a agilidade, às vezes a disposição sexual, principalmente. Eu não penso muito nesse lado ruim não (Paulo, técnico com especialização, 50 anos).

Eu diria que estou bem. Assim, consciente de que é preciso preocupar um pouco com a questão da saúde, de alimentação mais correta, atividade física não desgastante demais, mas uma atividade física constante e aproveitar a vida em termos principalmente da cabeça, assim, de ficar bem, de buscar a felicidade, que eu acho que ajuda muito no processo de encarar o tempo que você está vivendo naquele momento, e para frente, eu acho que vai ter reflexos que vai ser muito positivo (Aline, professora com doutorado, 52 anos).

Rita (professora com doutorado, 52 anos) disse que sabe que está envelhecendo, pois percebe isso no dia a dia, com a diminuição da vitalidade e com as mudanças sentidas no corpo, mas que vê esse processo como algo natural, com o qual lida muito bem:

Eu não levo isso como uma coisa que é negativa. Eu não tenho o pesar de estar envelhecendo, muito pelo contrário. Talvez eu tenha um pesar lá na frente se eu continuar nesse mesmo esquema, chegar e: Nossa! Estou com 95. Eu vou ter que morrer, né? (Rita, professora com doutorado, 52 anos).

Na fala das mulheres o que se percebe é o cuidado que todas demonstram ter em relação à saúde, mesmo as que disseram não ter percebido mudanças, a preocupação em se manter ativa e saudável fica bem evidente. Quase todas as participantes, isto é, oito das entrevistadas, disseram que com o passar da idade notaram que começaram a ganhar peso e aumentou a dificuldade em emagrecer. Como no caso da Ana Clara (técnica com graduação, 50 anos) que disse estar mais gorda hoje e também com mais rugas, flacidez e manchas na pele. Ela lida bem com essas mudanças, pois sabe que aos cinquenta anos, elas são naturais.

Assim, pode-se notar que, para as mulheres, o envelhecimento pode trazer sintomas a mais do que para os homens, onde a andropausa normalmente é menos perceptível, já que ela acontece de forma gradual e suas consequências vão

acontecendo paulatinamente, ao contrário dos efeitos da mudança hormonal entre as mulheres que acontece de forma rápida e também traumática.

Alguns entrevistados não percebiam a chegada da velhice com muito otimismo, principalmente em relação à diminuição do vigor físico e da potência sexual. Quando perguntados se eles consideram que há um período em que a pessoa começa a envelhecer ele disse: “Tem. Você perde alguns movimentos, você fica mais preguiçoso e o apetite sexual diminui” (Paulo, técnico com pós-graduação, 50 anos).

Este foi um dos dois entrevistados do sexo masculino que abordaram o tema da sexualidade. Não foi possível perceber se os outros não quiseram falar a respeito ou simplesmente não levaram esse aspecto do envelhecimento em consideração, pois este assunto pode parecer difícil para muitos homens já que a virilidade está relacionada à masculinidade.

Outro entrevistado revelou exatamente o contrário, pois destacou que o envelhecimento trouxe mudanças em sua sexualidade, mas de uma forma positiva: “A situação, por exemplo, do desempenho sexual. Você percebe o seguinte, que muda, muda, é diferente, mas é muito mais prazeroso” (Lucas, professor com pós-doutorado, 51 anos). Mesmo quando a fala é sobre o lado positivo da mudança ocasionada pelo envelhecimento, pode-se perceber nessa fala, a dificuldade que o entrevistado demonstra ao se tocar no assunto sexualidade.

Esse é um tema ainda delicado, já que o homem velho tem participado de várias transformações no modelo hegemônico de masculinidade, o que lhe causa grande insegurança em relação aos papéis exercidos pelos atores sociais. Sendo a masculinidade uma construção social de gênero, ele precisou se adequar às transformações sociais que vão surgindo, caindo em um conflito entre a masculinidade tradicional, que se comprova pela potência sexual, e a necessidade de diversificar seus papéis sociais exigidos pelas novas transformações na família e nos papéis femininos (NOGUEIRA; ALCÂNTARA, 2014, p. 267).

Tem outras questões também: a aparência física nossa vai deteriorando e, deteriorando a aparência física a gente tem menos possibilidades de arrumar namoradas etc. Mas até o momento eu não tive essa limitação, graças a Deus (Wesley, professor com doutorado, 51 anos).

Esses dados corroboram as assertivas de Costa (1989) apud Nogueira e Alcântara (2004) que ressaltam que o ideal hegemônico de masculinidade vem sendo vinculado ao sexo desde o tempo do Brasil Colônia e nem mesmo os avanços feministas conseguiram impedir que esse ideal se perpetuasse até os dias de hoje. Assim, a conduta masculina foi construída sobre os alicerces do machismo, tendo suas características “naturais” influenciadas pelo modelo higiênico e pelos caminhos ditados pela sociedade, fazendo o homem acreditar que sua existência social somente seria possível através do trabalho, dos cuidados com o corpo e do sexo. Esse fato levou a uma superestimação do sexo que passou a ser considerado o indicador do poder masculino.

Por estarem inseridos em uma sociedade onde impera a dominação masculina, os homens se veem na obrigação de se manterem fortes e viris. Essa preocupação é refletida na realidade das academias cada vez mais cheias e no uso de anabolizantes que dão suporte principalmente à obsessão masculina em pertencer a um ideal de homem que inclui um corpo musculoso, uma *performance* sexual impecável e um pênis grande. Pope; Phillips; Olivardia (2000) apud Goldenberg (2011), relatam que mais de um milhão de norte-americanos desenvolveram o distúrbio dismórfico corporal em busca de um corpo que confirme sua masculinidade. Pode-se perceber, pela grande quantidade de anúncios existentes na internet, que aumenta a cada dia, o número de homens que se sentem inseguros em relação ao tamanho de seus pênis; e, como “homens de verdade” não devem demonstrar preocupação com sua aparência.

Um dos aspectos ressaltados pelos depoentes foram os problemas de saúde que surgem na velhice, notadamente em relação à pressão arterial, que exige o uso de medicamentos, como destacou André (professor com doutorado, 54 anos: “[...] tive problema de saúde, hoje eu tomo um remedinho de pressão que, graças a Deus, funciona super bem. [...] toda minha família tem problema de pressão, então tomo o remédio.

Quatro entrevistados perceberam a diminuição da resistência principalmente ao praticar esportes. Um deles revelou, inclusive, que chegou a vender a cota do clube por não se sentir em condições de participar das partidas de futebol com pessoas mais jovens.

A redução da resistência física também foi um aspecto destacado por Bruno (professor com doutorado, 57 anos), que revelou senti-la diminuir já que não consegue executar mais o que facilmente fazia quando era jovem. Essa grande preocupação com a resistência leva à reflexão de que as pessoas costumam se esquecer que não é preciso ter o vigor dos 20 anos quando se tem uma idade mais avançada.

Todos os homens relataram que notaram mudanças em seus corpos e talvez por estarem inseridos em um meio em que o futebol é o esporte favorito, quatro disseram que o primeiro sinal em seu corpo foi a diminuição da capacidade para exibir a mesma performance ao jogar bola que possuía quando mais jovem:

Eu pratico esporte, eu gosto de futebol, você vê que seu corpo não tem... Eu até tinha uma cota lá no Clube, no Recanto das Águas, e eu só ia lá exclusivamente para o futebol as terças e quintas, e domingo. E a idade permitida para esse futebol era acima de 40 anos. Então acima de 40 anos eu estava conseguindo jogar. Porque eu gosto de participar assim, mas participar mesmo, fazer alguma coisa no âmbito do esporte coletivo ali e tal, ser útil, jogar bem e tal. Mas aí a questão de dois anos eles diminuíram para 35 anos. Então a partir de 35 anos pode jogar, aí para mim foi o caos. Eu falei assim: “Não adianta eu ficar aqui. Eu vou jogar com pessoas de 35 anos?”. E dia de domingo é aberto a qualquer idade. Então não dava para mim mais (Mateus, técnico com mestrado, 51 anos).

É perceptível que o envelhecimento não envolve somente a idade. É muito mais que isso, pois com o passar dos anos os sujeitos passam por mudanças físicas, psicológicas e sociais que são inevitáveis, tornando as pessoas mais suscetíveis às doenças.

Quando o assunto é a saúde, percebe-se que os homens entrevistados são muito cuidadosos, embora haja divergência em suas respostas. Tanto os que disseram que não sentem o peso da idade na saúde, quanto os que relataram problemas, deixaram bem claro que passaram a se cuidar mais com o aumento da idade. Em diversos países como também no Brasil, nota-se que as mulheres são mais longevas exatamente por serem mais cuidadosas e preocupadas com a saúde. Normalmente elas não têm nenhuma restrição em procurar o médico quando percebem a necessidade de se tratarem, enquanto muitos homens veem no cuidado exacerbado com a saúde sinal de fraqueza.

Portanto, pode-se perceber que os homens quinquagenários estão quebrando esse paradigma e procurando se cuidar mais, seja buscando ajuda médica ou exercendo alguma atividade física, já que todos eles relataram que praticam alguma atividade pelo menos uma vez por semana. Alguns entrevistados relataram que passaram a exercer mais atividade física depois dos quarenta anos de idade, como pode-se perceber nesse excerto: “Eu estou muito bem, como eu sempre estive. Eu não tenho muito problema de saúde. [...] Hoje em dia eu faço mais atividade física do que fazia há vinte anos” (Pedro, professor com doutorado no exterior, 57 anos).

Em contrapartida, outro depoimento mostra que apesar dos cuidados com a saúde, alguns demonstram que a idade trouxe alguns problemas para a prática de exercícios:

E assim, porque eu jogo bola, e quando eu jogo bola com gente mais jovem, você vê que você não consegue o pique que ele tem. Por exemplo, quando eu estou jogando bola e o cara lança uma bola para mim, se o meu marcador é mais jovem do que eu, eu já nem vou na bola, eu já deixo para ele (Filipe, professor com doutorado, 56 anos).

No caso de Paulo (Servidor com pós-graduação, 50 anos), com a idade veio também o surgimento do diabetes, mas ele demonstrou estar otimista, pois revelou que aprendeu a conviver com essa situação e procura não pensar que isso é o fim do mundo para não correr o risco de entrar em depressão e assim a abrir a porta para o aparecimento de novas doenças.

Para Wesley (Professor com Doutorado, 51 anos) a mudança percebida foi um problema na coluna que se tornou crônico, provocando muito desconforto e causando limitações físicas. Embora ele pratique ioga e faça fisioterapia, as dores ainda continuam. Um aspecto muitas vezes relacionado ao envelhecimento são os problemas da coluna que nem sempre são consequência da idade, mas sim de muitos anos mantendo uma postura errada.

Esse aspecto relativo a dores físicas, que se tornam mais frequentes, também foi destacado por André:

Olha só, eu falo que depois dos 40 anos se eu ficar sem sentir dor é por que eu morri, por que estou sempre com alguma coisa quebrada, eu tô sempre fazendo atividade física, então hoje em dia, eu por exemplo, meu corpo para de doer hoje à noite e amanhã cedo, mas aí amanhã eu já jogo futebol, então na quinta e sexta

feira já tá doendo de novo, quando começa a melhorar no sábado, eu faço trilha, volta a doer de novo, então, é eu estou sempre dando trabalho pra ele (André, professor com doutorado, 54 anos).

Simone de Beauvoir, em sua obra “A Velhice” (1976), ponderando sobre as perdas da vitalidade do corpo, revela que elas podem ser compensadas utilizando-se um conhecimento prático e intelectual, não sendo necessário falar em envelhecimento enquanto as deficiências forem esporádicas e possível de serem remediadas. Somente quando o corpo se tornar frágil e impotente que se poderá afirmar, com certeza de que ele está declinando.

Embora um estilo de vida saudável conquistado pela prática esportiva ou por uma atividade física regular traga muitos benefícios à saúde e à qualidade de vida das pessoas que envelhecem, não se apresenta como algo suficiente para impedir o avanço contínuo do processo de envelhecimento (TAMANINI, 2010).

Entre as entrevistadas, cinco disseram que perceberam o surgimento de rugas e o aumento da flacidez em seus corpos. Elas deixaram claro que essas peculiaridades são causadas pelo aumento da idade, pois aos cinquenta anos, a pele e o tônus muscular vão sentindo os efeitos do passar do tempo.

Na fala de Rita, percebemos esse aspecto, quando menciona que as ruguinhas vão aparecendo e o rosto vai ficando com jeitinho de cachorro buldogue, pois as bochechas, devido à flacidez, começam a cair e rosto fica, segundo ela, “buldoguinho” (Rita, professora com doutorado, 52 anos).

No caso dos homens participantes desta pesquisa, todos também disseram que perceberam mudanças em seus corpos. Algumas mudanças foram comuns entre eles, como o surgimento de algum problema de saúde, a diminuição da resistência física, o aumento da facilidade para ganhar peso e o surgimento de rugas.

A velhice se tornou indesejável, principalmente pelas mudanças que ela provoca nos corpos, mas elas podem ser amenizadas ou retardadas pela gama de cosméticos, tratamentos, exercícios ou pela alimentação adequada. Chega-se, portanto, a um paradoxo, pois o avanço tecnológico permite a redução dos efeitos da senilidade, mas não oferece ao velho um maior campo de possibilidades. A velhice terá que se limitar ao plano de experiências possíveis ao homem (CORREA, 2009).

A insatisfação com o corpo é apontada por Guita Debert, em seu livro “A

Reinvenção da Velhice” (2004, pp. 20 - 21), como resultado da influência de agentes articuladores como a publicidade, os manuais de autoajuda e as pessoas que se dizem especialistas em saúde, e buscam mostrar que as imperfeições do corpo não são naturais e imutáveis, pois com força de vontade torna-se possível através de disciplina, esforço, ginástica, cosméticos e vitaminas, livrar-se das rugas e da flacidez, sinônimos de desleixo, e assim, conquistar a aparência desejada. Esses fatores levam as pessoas a acreditarem que a juventude deixa de ser um estágio na vida e se transforma em um valor, um bem que pode ser conquistado por qualquer grupo etário, mudando os estilos de vida e consumindo alimentos adequados.

De acordo com Míriam Goldenberg, em seu livro *Coroas* (2015), onde cita Bourdieu (2007) para quem o corpo, por ser um bem simbólico, pode receber distintos valores de acordo com o mercado a que pertence. Ele continua revelando que o que chamamos de natural, na verdade foi construído. Atitudes corporais como charme, elegância, beleza e porte não passam de uma forma que encontramos de legitimar socialmente a maneira de conduzir e de apresentar nossos corpos. Portanto, qualquer atitude que se toma ao deixar o corpo envelhecer naturalmente pode ser taxada de desleixo. Pode-se dizer o mesmo a respeito dos corpos gordos ou fora de forma.

Blessmann (2004) destaca que, se por um lado tem um corpo natural, resultante de um processo evolutivo, aquele com o qual se nasce, cresce, envelhece e morre, por outro lado, tem-se o corpo simbólico, resultante das construções sociais, sempre idealizado de forma saudável e bonito, adjetivos associados à juventude. Portanto, os jornais, revistas, televisão e a internet divulgam abundantemente imagens do corpo, mas não de qualquer um, somente aquele que se apresenta saudável e bonito, representando um ideal a ser alcançado, distante da realidade em que se insere o corpo envelhecido.

No Brasil, o corpo não é só uma ferramenta de trabalho ou algo para se socializar. Ele tem um valor simbólico, principalmente para as mulheres. Como ressalta Goldenberg (2011), o corpo além de um capital simbólico, é também um capital econômico e social, mas para tanto ele tem que se apresentar sempre *sexy*, jovem, saudável, magro e em boa forma. Será então, um corpo conquistado à custa de muito investimento financeiro, trabalho e sacrifício.

4.5. Percepções positivas sobre a velhice

Dentre os aspectos positivos da velhice, tanto as mulheres quanto os homens entrevistados citaram a sabedoria e a experiência como características do comportamento humano que aumentam proporcionalmente à idade. Ou seja, quanto mais velha, mais sábia a pessoa fica, pois por meio de sua vivência, o sujeito vai adquirindo experiência, o que a leva a um estado de espírito tal, que é possível conquistar a calma e equilíbrio necessários em ocasiões em que se exige uma ponderabilidade e uma capacidade mais acurada de raciocínio. Embora essa tenha sido a visão dos participantes da pesquisa, não se pode generalizar, pois em uma sociedade essencialmente tecnológica, nem sempre esse estado relatado será alcançado.

Homens e mulheres valorizam a experiência e a sabedoria adquiridos com o envelhecimento e melhor capacidade para lidar com os problemas, como destacaram Letícia, Ana Clara, Vinícius e Mateus:

Bom, as positivas eu diria que começam assim, pela maturidade mesmo, pela calma, pela tranquilidade em passar por certos processos, especialmente alguns problemas: você lidar melhor com isso tudo, ter mais clareza de como resolver essas várias questões. (Letícia, professora com doutorado, 50 anos).

Eu acho que a experiência de vida nos amadurece, a gente começa a ver o mundo de uma outra forma, com outro olhar. Com as mesmas dificuldades. Talvez muitas delas são as mesmas, mas o olhar nosso muda para elas (Ana Clara, técnica com graduação, 50 anos).

Eu estou bastante bem. Esse ano tem sido muito pesado. Tem problemas em casa, por exemplo, e eu acho que a forma que eu estou lidando é bastante saudável, muito mais do que era antes. Eu acho que realmente eu estou tirando proveito da experiência (Vinícius, professor com doutorado no exterior, 53 anos).

Eu acho que positivo é toda uma experiência que você adquire: saber lidar melhor com determinadas situações. Eu acho que é o aprendizado mesmo. Você vai se deparar com situações em que determinado momento você agiria de uma forma, com a experiência você vai, talvez, vendo o que para você é o mais correto e vai lidando melhor com esses conflitos que aparecem durante a vida (Mateus, técnico com mestrado, 51 anos).

Três entrevistadas disseram que com o passar do tempo, passaram a ter uma forma melhor e diferente de viver, pois conseguem lidar de um jeito tranquilo com as questões mais difíceis. Como no caso de Dalva (técnica com doutorado, 52 anos) que vê como lado positivo, pois com o amadurecimento, veio a experiência que agora a possibilita lidar com os problemas com mais equilíbrio e tranquilidade, “onde você ouve com mais paciência, você responde com mais altivez, buscando experiências passadas”. Podemos perceber esse mesmo sentimento pelos relatos dessas duas entrevistadas:

Envelhecer é ruim, mas por outro lado, te dá uma liberdade. Um negócio impressionante, porque você enxerga as coisas com mais clareza. Você é capaz de entender situações que antes poderiam te deixar completamente desorientada, e você lida com essas situações de uma forma muito mais tranquila. Você tem a experiência do tempo e isso é impagável (Rita, professora com doutorado, 52 anos).

Eu acho que é a sabedoria, aquela tranquilidade, a questão do estar mais... Bom, espera-se pelo menos que a gente chegue numa idade mais centrada, mais tranquila, mais organizada emocionalmente. Agora, não sei, eu acho que isso é possível se você trabalha para isso, se você tem uma vida que vá nesse sentido, nessa direção (Carol, professora com doutorado, 53 anos).

Uma abordagem diferente em relação aos benefícios do envelhecimento foi revelada por Laís (professora com doutorado, 56 anos) que, com o passar do tempo, além de ganhar experiência e conhecimento em diferentes áreas do saber, teve seu despertamento espiritual. Mas somente depois dos quarenta anos, ela começou a considerar essa questão e visualizá-la como algo importante para sua vida.

A questão da passagem do tempo e os benefícios que ele traz foi abordada por alguns dos homens entrevistados, que veem na maturidade a oportunidade de crescimento frente aos problemas e os possíveis aprendizados que vão adquirindo no decorrer da vida, pois cada obstáculo gera aprendizagem que serve de experiência para direcionar uma ação futura quando surgirem novos desafios.

Os relatos dos entrevistados corroboram as assertivas de Nogueira e Alcântara (2014) quando mencionam que a maturidade possibilitou aos idosos um tempo maior para desfrutar dos momentos em família e contribuiu para o fortalecimento de vínculos com parentes e amigos, permitindo uma melhoria na

qualidade de vida.

Outro aspecto evidenciado nas entrevistas, em relação aos aspectos mentais/cognitivos, foi a mudança da mentalidade, como destacou Wesley:

Cheguei à conclusão de que o marco na vida da gente que mostra o envelhecimento não são as rugas, a dor nas costas e todas as dificuldades físicas, mas a dificuldade de lidar com o novo na sociedade. Quando eu não consigo mais entender as novidades da sociedade isso significa que a minha cabeça está cristalizada num determinado pensamento e que eu não consigo mais acompanhar a modernidade. Quando eu não consigo mais acompanhar a modernidade aí eu estou velho (Wesley, professor com doutorado, 51 anos).

Nesse depoimento, percebe-se que o ser envelhescente pode ter diferentes nuances sobre o corpo que envelhece, pois à pergunta sobre sinais do envelhecimento no corpo, o entrevistado respondeu sobre o envelhecimento da mente, onde ele considera estar o marco de início da velhice. Nem todos nem todos revelaram percepções semelhantes, pois a maioria, ou seja, nove dos entrevistados relataram que é no corpo que evidenciaram os sinais do envelhecimento.

Adicionalmente, as mulheres encontram na velhice, a liberdade que não tiveram na juventude, já que agora não precisam mais se preocupar tanto com a casa, e com as responsabilidades que tinham com os filhos quando eram pequenos. Na fase atual de vida, os filhos cresceram e muitos já estão trabalhando. Portanto já saíram de casa, possibilitando à mulher, mais tempo para dedicar às atividades que gosta de fazer, como o cuidado consigo mesma.

Essa percepção é notada no relato de duas entrevistadas que se veem nessa situação. Uma delas é Thaís (professora com pós-graduação no exterior, 52 anos) que disse que a parte positiva do envelhecer está no fato de que hoje se vive mais, tendo assim, mais tempo e oportunidade de ver os seus filhos, netos e bisnetos. Ou seja, há mais tempo para se dedicar à família e ver a continuidade da sua história. Outra entrevistada fez o seguinte relato:

Então, de fato, na fase atual o tempo é um limitante né? Mas é uma coisa com a qual eu luto também né? Pra gente não ficar só envolvido com o trabalho, mas ter outros tipos de envolvimento. Mas eu já pensei, por exemplo, nos aspectos positivos da velhice, justamente você ter mais tempo e disponibilidade para atividades

voltadas mais pro lazer. E acompanhando minhas irmãs que são mais velhas e estão virando avós, eu vejo que o ser avó também é algo bem interessante né? Então, eu imagino que na velhice você tem a oportunidade de voltar a participar de processos educativos dos seus netos. Eu vejo que é um ciclo que tá sempre se perpetuando. E vejo isso com muito bons olhos (Letícia, professora com doutorado, 50 anos).

Segundo Motta (1991, p. 211), na modernidade ocidental, o fato de ser velha significa perder a condição social de reprodutora, mas também é “a libertação de certos controles societários que se referiam justamente à reprodução e a tolheram durante toda a juventude” Esta é, portanto, a grande diferença nas “práticas e representações” de homens e mulheres velhos, pois enquanto eles ficam mais presos à “ideologia da velhice”, elas ficam entusiasmadas com essa liberdade recém conquistada, ficando mais felizes e inseridas na vida social.

4.6. Percepções sobre o próprio envelhecimento

Quando o tema foi sobre o início da velhice, ou seja, quando abordados a respeito do que pensam sobre quais sintomas indicam que a velhice chegou, as opiniões foram muito diferentes. Alguns deles, tanto homens quanto mulheres revelaram que não há como perceber, enquanto outros relataram que perceberam:

Ótimo! Eu não estou vivendo bem não, eu estou ótimo!
(Guilherme, professor com doutorado, 55 anos).

Eu acho que estou bem e adequado para esta fase. [...] Tranquilo
(Bruno, professor com doutorado, 57 anos).

Eu acho que eu estou bem. Para os 50 anos eu acho que eu ainda estou bem (Paulo, técnico com pós-graduação, 50 anos).

Acho que eu estou bem. Eu joga bola ainda toda semana, ando no mato. Ontem eu andei seis horas direto. Fomos lá naquele Pico do Cruzeiro. Gosto de andar no mato, gosto de mexer na roça, gosto de jogar bola (Filipe, professor com doutorado, 56 anos).

Eu acho que eu estou bem. Em termos de peso, por exemplo, meu peso está até um pouco abaixo do que eu poderia estar. A maioria das pessoas da minha idade estão com o peso acima do ideal. Então nesse aspecto eu estou bem (Wesley, professor com doutorado, 51 anos).

A partir desses excertos, percebe-se que os entrevistados demonstram se sentir confortáveis na fase em que se encontram.

Eu acho que eu estou numa fase muito boa. Toda vez que eu faço aniversário eu faço uma retrospectiva mental, que é a questão de como é que eu estou em relação ao que eu estava no ano passado. Então eu acho que eu continuo bem. Não acho que eu vá me tornar idoso quando eu fizer 60 anos. Então é uma coisa que está acontecendo, mudanças estão acontecendo, mas eu não ligo muito para elas (Pedro, professor com doutorado no exterior, 57 anos).

Inevitavelmente eu estou nessa fase por causa da questão técnica, digamos assim, da idade, por algum motivo algum órgão colocou dessa forma. Mas assim, estou aceitando de uma forma bem suave, bem tranquila. Não tenho trauma nenhum em relação a essa questão do número, é 51, é 59. Eu acho que na minha maneira de entender, eu vou aceitar seja a pré-velhice, seja o amadurecimento maior. Eu acho que essa questão de conceituação é bastante relativa. No meu modo de entender é aceitável. É inevitável, e quanto melhor você aceitar essa pré-velhice, como é o caso aí, melhor você vai se adequar quando você for além dos 59, que aí você já é velho (Mateus, técnico com mestrado, 51 anos).

Quando abordadas sobre a fase em que se encontram, a pré-velhice, sete mulheres relataram que se sentem muito bem na fase pré-idosa, duas revelaram que não se sentem inseridas nessa fase e uma que não está bem em relação ao seu corpo. Assim, Ana Maria (médica com especialização, 50 anos) revelou não se sentir bem com o fato de perceber que ela não tem mais o mesmo pique. Entre as que estão bem, está Rita (professora com doutorado, 52 anos), para quem o ditado que diz que a vida começa aos quarenta é verdadeiro, pois ela se encontra na melhor fase de sua vida. Laís (professora com doutorado, 56 anos) fez o seguinte relato:

Sim, sim, me sinto bem. Eu sou uma pessoa ativa, eu sou uma pessoa que caminha três vezes por semana, vai à academia duas vezes, tenho muitas atividades em casa que talvez se fosse olhar pela idade eu já não teria tanta disposição. Me sinto muito bem (Laís, professora com doutorado no exterior, 56 anos).

Mesmo com o acúmulo de atividades, já que ainda é relegado à mulher o serviço doméstico, o cuidar dos filhos, além do trabalho fora de casa, esta participante mostrou que ainda consegue se manter dinâmica e com disposição para executar as atividades de sua rotina.

Entre as que relataram não se sentirem inseridas na fase pré-idosa, está Ana Clara (técnica com graduação, 50 anos) que revelou se sentir muito bem, com vontade de viver e boas perspectivas de vida. Ela acredita que ainda tem muita coisa para realizar, portanto, não se sente com essa idade. O fato de não se sentir velho, foi compartilhado por outros entrevistados:

Olha, eu não sinto isso. Eu nem sabia que tinha essa caracterização, esse rótulo. Mas eu não penso dessa forma. Assim, eu nunca pensei: “Estou na pré-velhice. O que que eu vou fazer agora?”. Não. Para mim ainda é o contínuo, sabe? Eu acho que eu ainda não cheguei nessa fase (Carol, professora com doutorado, 53 anos).

Com 60 anos eu vou ser considerado idoso né, mas eu não pretendo parar em vaga de idoso, nem usar caixa eletrônico de idoso, por que eu acho que tem gente que é mais idosa do que eu e que pode estar precisando mais do que eu (Pedro, professor com doutorado no exterior, 57 anos).

Normalmente eu penso que as pessoas não se sentem velhas, não conseguem perceber muitas vezes a velhice; só quando compara uma coisa e outra. Mas a gente sempre tem a impressão que está jovem. Eu não sei. Pelo menos para mim, eu não consigo perceber (Bruno, professor com doutorado, 57 anos).

Quando perguntados como se sentem sendo pré-idosos, ou seja, entre 50 e 59 anos, a maioria dos homens (seis) evidenciou a negação da velhice. Disseram que se comparados com outras pessoas da mesma idade, em geral amigos ou colegas de trabalho, se percebem mais saudáveis do que os outros, pois praticam esportes, estão magros e têm uma cabeça ativa.

Paulo (técnico com especialização, 50 anos) mencionou que apesar de alguns problemas relacionados à saúde, se sente bem e não se vê como velho, pois é difícil perceber a velhice nele mesmo. Porém, esse sentimento aparece quando encontra com algum ex-colega de colégio e a aparência dele o leva a pensar: “Fulano está bem acabado!” E somente depois é que ele se lembra de que eles têm a mesma idade. Esse sentimento de se sentir envelhecendo, fica evidente na fala de um dos entrevistados:

Quando você olha e compara, principalmente quando você vê uma pessoa que você conhece desde a infância, que você olha para ela e fala: “Oh, tá velha. Será que eu também tô?”. Mas é difícil você ter essa consciência no dia a dia. Então eu acho que isso é bastante

relativo quando começa a ficar velho (André, professor com doutorado, 54 anos).

Para Mateus (técnico com mestrado, 51 anos), o sinal de que a pessoa está ficando velha é percebido nas limitações do corpo, mas a pior é a que aparece na parte psicológica, levando a pessoa a ficar negativa, com medo de morrer, de chegar ao fim da vida, tornando-se assim, mais amarga. Para Vinícius (professor com doutorado no exterior, 53 anos) a velhice começa quando a pessoa passa a se sentir velha, o que está na cabeça da pessoa. Para Filipe, sinais de velhice são percebidos também no comportamento:

Ah, tem gente que já nasce velho. Você vê até contratações novas de professores na universidade, eles já entram com uma estruturação assim, tão difícil. Você já vai e “Pô, mas o cara já nasceu velho, já está velho novo”. Um cara ranzinza já, sendo novo ainda. Todo mundo pode ser ranzinza, mas sendo velho. Agora, novo e ranzinza? (Filipe, professor com doutorado, 56 anos).

Para Carol (professora com doutorado, 53 anos) embora o corpo dê sinais de senilidade, se a pessoa se mantiver atuante e principalmente com a cabeça ativa, ela não sentirá esses sinais. Desse modo, ao se cuidar emocionalmente, ela não aceitará a condição de velha, pois o problema surge exatamente quando a pessoa se resigna frente a essa condição.

Ana Maria (médica com especialização, 50 anos) acredita que envelhecer não é uma questão de idade, mas sim de atitude em relação à vida. Ela destaca possuir amigos que embora sejam mais novos do que ela, possuem uma mentalidade envelhecida, pois se mostram desanimados e com um comportamento que não condiz com a idade. Esse é um pensamento típico da categorização de comportamentos em relação à idade, em que se acredita que jovens não podem ser desanimados, somente os velhos.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Laís (professora com doutorado, 56 anos) não vê uma data para o início do envelhecer, pois dentro do seu ambiente de trabalho pode observar que esse fenômeno varia de pessoa para pessoa, já que há algumas jovens com comportamento de idosos e vice versa. Assim, acredita que a velhice está na mente das pessoas.

Para outros entrevistados, como Guilherme (professor com doutorado, 55 anos), o envelhecimento se inicia no corpo. Para ele a velhice é uma questão que

envolve o organismo, pois chega o momento em que o corpo começa a sinalizar que alguma coisa mudou. Percebe-se que já não se é mais a mesma pessoa, pois mudam as expressões e também a capacidade de realizar algumas tarefas.

Luciana (professora com doutorado no exterior, 56 anos) considera a pessoa como velha quando ela não consegue mais andar ou cuidar de sua higiene sozinha. Esses são sinais de que o corpo realmente envelheceu. Mas essa não é, necessariamente, uma característica da velhice. Essa limitação pode ocorrer em qualquer fase da vida, caso a pessoa seja acometida por um acidente ou uma doença, por exemplo.

Dois entrevistados, ao discorrerem sobre essa pergunta, reabriram a questão da pedagogia dos gêneros, onde até mesmo no envelhecer são ressaltadas diferenças entre homem e mulher. Os relatos a seguir evidenciam esse fato:

A pessoa começa a envelhecer desde quando nasce, o que é natural. Desde quando nasce, o tempo tá passando, isso é envelhecimento. Agora, pra uma mulher, por exemplo, me parece que isso é muito mais evidente por que ela tem uma menopausa. E o homem normalmente não tem isso. Já tentaram inventar a tal da andropausa, mas acho que isso é bobagem, e nós continuamos com essa questão da gente continuar com capacidade reprodutiva até 200 anos, se viver. Eu acho que isso faz uma diferença enorme né? Então, eu me sinto com 54 anos e eu não tenho essas coisas não (André, professor com doutorado, 54 anos).

Eu acho que é um pouco diferente. Eu acho o homem um pouco diferente na questão física. Eu acho que a mulher tem uma aparência física que aparenta mais envelhecida que o homem. O homem, não aparenta muito isso. Por outro lado, a mulher consegue sobreviver muito mais tempo do que o homem. A mulher vai mais ao médico. Parece que é a que tem mais problema de saúde, que apresenta mais dor de cabeça, mais dor disso, tem que operar daquilo. E o homem nunca tem isso. Mas, assim, às vezes eu me assusto porque ele nunca tem nada, mas quando tem parece que “ploft”, vai embora (Ana Clara, técnica com graduação, 50 anos)

Simone de Beauvoir, em sua obra *A Velhice* (1976), ao fazer um relato sobre o envelhecimento na antiguidade, menciona o poeta Eustache Deschamps, como alguém que só enxergava na velhice motivos para se ter desgosto, onde ocorre a decadência da alma e do corpo que se torna ridículo e feio. Para esse poeta, a velhice chegava em épocas diferentes: para a mulher aos trinta e para os homens, aos sessenta anos.

Os participantes relataram variadas percepções acerca do próprio envelhecimento, mas percebe-se em seus relatos algumas reações positivas com a chegada da velhice. Porém, nota-se que há preconceitos em relação aos sinais senis revelados nos corpos dos homens e das mulheres, pois alguns participantes relataram percepções diferentes acerca dos sintomas do envelhecimento entre os sexos.

5. PERCEPÇÕES SOBRE O ENVELHECIMENTO

Este capítulo trata de uma discussão sobre a percepção sobre a velhice e o próprio envelhecimento, bem como o envelhecer sob o olhar do outro. Enfoca como as pessoas mais velhas são vistas no trabalho, bem como os projetos de vida para a aposentadoria.

5.1. *O envelhecer sob o olhar do outro*

Quando foi feita a pergunta: quando você fala sua idade, como as pessoas reagem? Todos os entrevistados, tanto homens quanto mulheres, tiveram que refletir um pouco antes de responder. Essa pergunta tinha por objetivo perceber o olhar do outro a respeito da pessoa que está envelhecendo, já que em outra pergunta foi questionado sobre as percepções acerca do próprio envelhecimento. Essa foi a maneira encontrada para analisar as duas perspectivas do envelhecer: a que o sujeito envelhescente percebe e a que o outro percebe nele.

Para Freitas; Py (2006, p. 112), apud Ceroni (2013, p. 74):

As transformações do corpo que envelhece nos revelam ao outro, antes que tenhamos percebido o que está nos acontecendo. Admiti-las é obra dos nossos caminhos na realidade e, também, das nossas possibilidades de provocar uma outra transformação, para alguém da pele, no íntimo mais profundo de nós mesmos, onde subjetivamos a nossa existência. Ali onde não há cronologia, onde reina o desejo que nos move à criação, sempre inacabada e, por isso mesmo, sempre renovável (FREITAS; PY, 2006, p. 112 apud CERONI, 2013, p. 74).

Mateus (Técnico com Mestrado, 51 anos), relatou que a maioria das pessoas dizem que ele aparenta ser mais novo. Uma forma que ele encontra para saber se está aparentemente bem nessa fase da vida é quando ele retorna à sua cidade natal, reencontra os amigos de infância e ao fazer uma comparação com os outros, acredita que está bem. Quando questionado se ele acha que está velho, a resposta foi não e que ele se sente muito bem nessa fase, e ainda se sente jovem. Esse excerto desvela a percepção de se valorizar a velhice, exatamente o que a aproxima da juventude.

Outro entrevistado com respostas similares foi o professor Guilherme. As pessoas acham que ele aparenta menos idade pelo seu jeito alegre e pelo uso de roupas coloridas, o que ele acredita fazer com que tenha um ar mais jovial. Acredita que esses fatos fazem com que ele seja diferente das pessoas da mesma idade. Esse comportamento nega o estereótipo do velho que usa somente roupas sóbrias e sérias. Em resposta à pergunta se ele acha que está ficando velho ele disse que o corpo dele está ficando, mas ele não, ou seja, seu espírito continua jovem.

Assim como o professor Wesley, os outros entrevistados também não tiveram respostas semelhantes para as duas perguntas, pois ele disse que normalmente as pessoas dizem que ele parece mais novo, mas ele sente que está envelhecendo quando vai a uma festa e não tem o mesmo pique dos adolescentes para ficar até mais tarde e nem para beber da mesma forma quando era jovem.

Quando questionado se as pessoas acham que ele tem menos idade, o professor Vinícius disse que não fala a respeito da idade dele com as pessoas e em resposta à pergunta se ele acha que está envelhecendo, disse que sim, embora saiba que não está na terceira idade e que assim como ele, todas as pessoas têm receio em ficar velhas.

No caso das mulheres, nove delas relataram que as pessoas dizem que elas parecem mais novas e somente uma deu uma resposta evasiva. Em relação à pergunta se acham que estão ficando velhas, quatro revelaram que não e seis responderam que sim. Assim, como no caso dos homens, nem sempre há uma harmonia nas respostas. Carol (professora com doutorado, 53 anos) não quis responder sobre a reação das pessoas quando ela fala a sua idade e declarou que sabe que está ficando velha, embora não tenha parado para pensar nesse assunto. Já Rita (professora com doutorado, 52 anos), quando questionada sobre a reação das pessoas em relação à sua idade, foi bem direta: “Acham que eu tenho menos”.

Quanto à recusa do rótulo de velho, Mírian Goldenberg (2011), relata:

Quando penso na “bela velhice”, penso na geração que foi jovem nos anos 1960 e que está começando a envelhecer. Geração que reinventou a sexualidade, o corpo, as novas formas de casamento e de família. Geração que teve como centro a busca do prazer e da liberdade sexual, a recusa de qualquer forma de controle e de autoridade e a defesa da igualdade entre homens e mulheres. Geração que não aceitará o imperativo “seja um velho!” ou qualquer outro tipo de rótulo que sempre rejeitou e contestou

(GOLDENBERG, 2011, p. 83).

Laís (Professora com Doutorado, 56 anos) declarou que o seu incômodo no envelhecer está na diminuição da memória, o que a prejudica o trabalho, levando-a a usar de alguns artifícios para contornar essa situação. Na questão de como é vista pelos outros, ela relatou que os seus alunos sempre dizem que ela parece ter menos idade.

Entre as que responderam que não acham que estão ficando velhas, está Luciana (Professora com Doutorado no Exterior, 56 anos). Ela relatou que as pessoas sempre acham que ela aparenta ser mais nova e que não acha que está ficando velha, pois ainda tem a mesma clareza e firmeza na hora de tomar decisões e praticar ações da mesma forma como sempre fez. “Mas a partir do momento que você já percebe que a pessoa não consegue mais tomar decisões com essa clareza, fazer ações com essa facilidade, aí eu já acho que já as classificaria como velha. Mas eu não me acho velha não”. Esse excerto remete à sensação de que ficar velho é o mesmo que ser decrepito, esquecido e lerdo. Entretanto, muitos velhos conseguem ter clareza no raciocínio, assim como muitos jovens não têm essa mesma habilidade.

Para as mulheres, não são só as questões do corpo que causam sensação de se estar envelhecendo. As entrevistadas mostram que as pessoas que trabalham com o intelecto têm, muitas vezes, a preocupação em manter a mente ativa e atuante, pois precisam dela para desempenhar bem suas funções na instituição em que trabalham. Se o cérebro, o instrumento de trabalho delas, começar a falhar, esse será o sinal de que estão realmente ficando velhas.

Diferente de suas avós que foram criadas e educadas para serem esposas, mães e donas de casa, as mulheres entrevistadas atuam no mercado de trabalho da mesma forma que os homens. As conquistas dos direitos de sair de casa para estudar e trabalhar contribuem para que a mulher seja inserida em uma situação social igual a do homem, embora ainda lhe sejam atribuídas mais jornadas de trabalho, pois a condição de reprodução ainda faz com que a ela seja atribuída a responsabilidade de cuidar da casa e dos filhos.

5.2. Como as pessoas mais velhas são vistas no trabalho

O envelhecer está inserido em um processo que envolve muitos fatores de ordem biológica, psicológica e social. A identidade dos idosos é construída somente pela contraposição à juventude, pois ela é feita baseada na oposição às qualidades inerentes aos jovens como: força, beleza e produtividade. Essa construção se dá na sociedade ocidental, onde os valores adquiridos pela experiência não é valorizada, relegando ao idoso um *locus* de desigualdade em que ele não encontra meios de mostrar suas qualidades. Se a velhice não é somente sinônimo de doença e perdas, faz-se necessário uma reformulação na concepção em que se analisa o processo do envelhecimento (MERCADANTE, 1996 apud TEIXEIRA, 2012)

Sobre o respeito das pessoas em relação aos mais velhos no ambiente de trabalho, os homens se mostraram divididos, sendo que cinco pensam que existe esse respeito e quatro relataram que não. Um participante declarou perceber que as pessoas mais velhas são respeitadas, mas, na opinião dele, elas travam o progresso, pois ficam firmes em opiniões ultrapassadas e mantêm o pensamento cristalizado.

Para Paulo (Técnico com pós-graduação, 50 anos) os jovens pensam que não vão ficar velhos e faltam com respeito aos idosos. O entrevistado relata que os jovens querem que os mais velhos sejam iguais a eles, que pensem da mesma forma, que possuam a mesma agilidade para usar um celular ou manusear um computador, e assim não conseguem entender que o raciocínio da pessoa mais velha é mais lento.

A população que alcançou uma idade mais elevada tem dificuldade em se adaptar às situações encontradas na vida atual, pois além das limitações físicas, psíquicas, culturais e sociais, se depara com variados tipos de preconceito no mercado de trabalho, na família e na sociedade. Essa situação se agrava pelos fatores culturais que levam ao culto de tudo que é novo e moderno, tornando o velho com suas limitações, um ser ridículo, rotulado de obsoleto e inútil. Diante desse quadro de rejeição, o sujeito envelhescente assume como verdadeiros os valores dessa sociedade que o discrimina, transformando-o em um indivíduo marginalizado. E é exatamente dentro da produção capitalista que essa marginalização mais se evidencia, pois o *modus operandi* da urbanização e industrialização exigem mão de obra jovem e produtiva (GOLDMAN, 2006).

O depoimento de Lucas deixou claro o preconceito em relação ao ser envelhescente mesmo em um meio acadêmico:

Um dos problemas que eu percebo hoje, na atualidade, é justamente na universidade: o tipo de comportamento que se tem e que se cria, que se tenta preservar, que a lei do mais forte é que prevalece, nem sempre os mais idosos conseguem ter a força dos mais jovens. E o que acontece é que às vezes os mais jovens atropelam, sim, os mais idosos (Lucas, Professor com Doutorado, 51 anos).

Para Alves, Lemos e Lima (2013) os valores característicos de sociedades consumistas, onde as relações sociais foram mercantilizadas, produzem a discriminação às pessoas velhas. Nessas sociedades prevalece o enaltecimento à juventude e às coisas novas e a valorização exacerbada àquilo que é descartável, levando ao não reconhecimento da experiência adquirida ao longo dos anos pelo ser que envelheceu.

Simone de Beauvoir em sua obra “A Velhice” (1976), ressalta que a condição do velho depende do contexto social em que se insere e sobre ele se acomete um destino biológico com uma desagradável consequência econômica, pois ele se torna improdutivo. Há o respeito pelos velhos em muitas sociedades, enquanto estes se mantêm lúcidos e robustos, mas se desvencilham deles quando ficam decrépitos. Os Hotentote, povo nômade da África, preservam laços muito estreitos entre seus membros e quando um deles se torna inapto ao trabalho, passa a ser utilizado como fonte de sabedoria e experiência, chegando a ter um papel de grande relevância na vida social, o que não impede aos mais jovens de desejarem se livrar dos idosos quando eles perdem sua faculdade mental, tornando-se assim, inútil para a tribo.

Os dados relativos às mulheres participantes foram diferentes, pois a maioria, ou seja, oito, relataram que as pessoas mais velhas são respeitadas. Somente uma respondeu que o respeito acontece com algumas pessoas e com outras, não. Para Letícia (Professora com Doutorado, 50 anos), enquanto umas pessoas são respeitadas, outras ouvem comentários como: “já está gagá, deveria se aposentar!”

Segundo Kertzman (2004, p. 129) muitas mudanças vêm acontecendo no significado da velhice para as pessoas que estão envelhecendo, porém elas ainda não são suficientes para uma boa percepção dessa fase da vida. Para essa autora:

Ainda que se possa constatar as mudanças, a ressignificação das representações do velho, isto ainda não se deu em relação às

significações sociais da velhice. A identidade do velho é ainda contrastante com a do jovem; a juventude é ainda um valor, um “bem” a ser alcançado. Se o sujeito se vê ativo, desejante, inserido, brincando, ele se considerará, no máximo, um idoso jovem, um idoso de “espírito jovem” ou, como diríamos, “um velho de alma jovem” (KERTZMAN, 2004, p. 129).

Para Laís (Professora com Doutorado, 56 anos) no meio acadêmico as pessoas mais velhas são tratadas com respeito por deterem o conhecimento adquirido pelos anos de trabalho, pois os mais velhos são “[...] aquelas pessoas que detém conhecimento, não só conhecimento, experiência de vida. E quem sabe aproveitar, aproveita. [...] As pessoas que estão chegando estão sempre procurando os mais velhos, procurando um suporte, procurando se orientar.”

Para Locke (1978) o que supre a mente humana de fantasias e um vasto material de razão e conhecimento é a experiência. Assim, os participantes relataram que com a idade veio a experiência que, segundo eles, agrega vários benefícios em suas vidas. Embora tenham feito esse relato acerca do envelhecimento, todos os participantes mostraram somente suas percepções acerca da forma como as outras pessoas são vistas em seu meio de trabalho, não relatando a forma como eles são tratados, não se encaixando nessa categoria, deixando clara a visão de que velho é sempre o outro.

5.3. Vida e projetos após a aposentadoria

A modernidade trouxe novas perspectivas para o envelhecimento, e entre elas, a aposentaria apresenta uma nova roupagem, deixando de ser um marco para a entrada do indivíduo na velhice ou, simplesmente, a possibilidade de subsistência daqueles que não têm mais condições de desempenhar uma atividade laboral devido à idade. As mudanças ocorridas na esfera produtiva geraram uma nova linguagem, em que as idades não são mais marcadores dos comportamentos e estilos de vida. Ao contrário, passa a existir uma grande variedade de receitas que envolvem técnicas de manutenção corporal, como medicamentos, procedimentos cirúrgicos e estéticos, aliados a novas formas de lazer que desconstruíram expectativas e imagens tradicionais associadas a mulheres e homens velhos. Nesse cenário, Debert (2004, pp. 18-19) afirma que a “Meia idade, terceira idade, aposentadoria ativa não são

interlúdios maduros entre a idade adulta e a velhice, mas estágios apropriados para a concretização de sonhos adiados em outras etapas da vida”.

Para Duarte (2007) apud Minó (2016) no final da década de 1990 a OMS (Organização Mundial de Saúde), baseando-se no fato de que as pessoas idosas estão cada vez mais econômica, social e academicamente ativas, adotou o termo envelhecimento ativo no lugar de Envelhecimento saudável. Essa expressão busca modificar o conceito da palavra ativo que outrora representava aquele indivíduo fisicamente ativo e/ou atuante na força de trabalho. Ela agora toma um novo significado, pois se estende a toda pessoa com mais de 60 anos que ainda se mantém dentro das questões sociais, políticas, econômicas, civis e espirituais de uma sociedade.

Ao expor aos homens participantes a questão sobre planos para a aposentadoria, quatro relataram que ainda não pensaram nesse assunto e seis declararam que já têm planos para esse período. Entretanto, mesmo os que relataram que têm planos não deram uma assertiva esclarecendo quais planos seria. Bom exemplo está na resposta do Bruno (Professor com Doutorado, 57 anos), que disse que os planos que faz estão relacionados à questão financeira, com a qual todos deveriam se preocupar. Segundo ele, outras questões seriam uma consequência natural da vida. Não haveria, pois, o que fazer. Ele não se preocupa, portanto, uma vez que vê na aposentadoria um processo normal da vida.

Mateus (técnico, com mestrado, 51 anos), disse que ainda não tem planos, que pensa em se aposentar e ter “alguma coisa para se fazer depois”, mas que ainda não é hora de se pensar nisso. Já os professores Vinicius e Wesley disseram que gostariam de viajar e investir em seus hobbies:

Muito poucos. Mas eu tenho cada vez buscado mais a liberdade. Viajar é uma das coisas que eu adoraria se eu tivesse dinheiro. Eu não sei se vou ter dinheiro porque o futuro parece sombrio no mundo todo (Vinicius, professor com doutorado no exterior, 53 anos).

Olha, o meu plano é basicamente continuar com os meus hobbies. Quando eu aposentar eu quero ter mais tempo para mexer com as minhas plantas, com os meus peixes. Basicamente ter um bom quintal para fazer tudo isso (Wesley, professor com doutorado, 51 anos).

Siqueira, Bottelho e Coelho (2002) defendem que a aposentadoria situa os velhos na estrutura social produtiva econômica como alguém que passa por uma ruptura com o mundo produtivo do mercado de trabalho. Como o sujeito se vê lançado no novo mundo da aposentadoria, a velhice passa a ser delimitada não pelas perdas fisiológicas ou pela decrepitude, mas por um advento social no qual o sujeito deixa de atuar como trabalhador e recebe o rótulo de improdutivo.

Assim, o termo velho é ainda carregado de um sentido pejorativo historicamente ligado a ideias negativas como feio ou como “ser improdutivo, inativo, criado pela sociedade moderna, que colocou no trabalho o sentido da dignidade humana” (MARQUES, 2004, p. 66).

Apesar da visão negativa das autoras, os depoimentos de Wesley e Vinícius apontam para uma visão mais positiva da velhice. Para eles, a velhice é vista como tempo de se fazer coisas boas, de se dedicar ao lazer, viagens e a coisas que se gostam. Coisas que tornam-se mais difíceis de se fazer quando tem que se dedicar ao trabalho. No caso do Vinícius, seus projetos de vida dependem de ter dinheiro disponível para investir nas viagens, já o de Wesley, está mais ligado aos prazeres mais simples da vida, como o convívio com a natureza.

Em relação aos projetos de vida após a aposentadoria, em geral, as mulheres não relataram ter planos. Apenas Ana Maria (Médica com Especialização, 50 anos) mencionou se precaver mais em relação à questão financeira ao relatar que tem uma previdência privada para não cair o nível de vida com a aposentadoria. Aline (Professora com Doutorado, 52 anos) declarou: “Eu espero continuar tendo condições de trabalhar da forma como eu já trabalho aqui na universidade, dando aulas, que eu tenha condições físicas de saúde para manter isso. Não me preocupo em pensar na aposentadoria.”

Já Luciana (Professora com Doutorado no Exterior, 56 anos) menciona que pensa em ter uma velhice dinâmica e ser sábia como os seus pais, que a qualquer questionamento respondem com quatro palavras. Seu depoimento evidencia a sabedoria esperada na velhice, denotando que não precisa falar muito para ser sábio, mas ter poucas palavras para dizer apenas o essencial.

Tanto os homens participantes quanto as mulheres não fazem planos para o momento em que vão deixar de trabalhar. A expressão em seus rostos quando era

feita a pergunta demonstrava uma forma de encarar essa hora com certa cautela ou simplesmente evitando pensar no assunto: a chegada da velhice e seus efeitos agradáveis ou desagradáveis. Todos disseram que buscam manter uma vida saudável para que a velhice seja amenizada pela boa saúde. Pareceu-me ser esse um assunto que todos gostariam de evitar, já que em depoimentos anteriores mostraram levar uma vida dinâmica, onde quem dita o ritmo é o trabalho. Dessa forma, Rodrigues (2003, p. 2) apud Curcio (2015, p. 4) corrobora com as assertivas dos participantes quando declara que:

A aposentadoria deixa de ser um momento de descanso e recolhimento para tornar-se um período de atividades de lazer. Neste contexto, o lazer aparece como possibilidade de evitar o envelhecimento, dentro de uma visão funcionalista, mas também compensatória, vem sob as vestes da saúde, trazendo a ideia da necessidade de manter uma vida ativa, adotar novas formas de comportamento levantando a bandeira da eterna juventude. (RODRIGUES, 2003, p. 2)

Três das mulheres entrevistadas afirmaram o desejo de ter uma velhice dinâmica e duas mencionaram o desejo de continuar trabalhando. Conforme Assis (2004) apud Teixeira (2012), a sociedade capitalista qualifica o corpo como uma máquina sempre pronta para desempenhar suas funções laborais, sem que lhe seja permitido sofrer quaisquer danos ou perdas causadas pela passagem do tempo. Dessa forma, um dos motivos do preconceito contra as pessoas velhas é a supervalorização da produção e do trabalho em nossa sociedade. Talvez seja por isso que duas entrevistadas tenham demonstrado o interesse de continuar trabalhando após a aposentadoria. Afinal, quem deixa de produzir se declara inútil, e a inutilidade está associada à velhice. Normalmente não se associa essa característica aos jovens, que são cheios de energia e vigor. Aposentar-se do trabalho pode, para alguns, significar aposentar-se também da vida ou, pelo menos, da vida ativa, onde ocorre a produção de bens, produtos e serviços.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Você não sente nem vê
Mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo
Que uma nova mudança em breve vai acontecer
E o que há algum tempo era jovem novo
Hoje é antigo, e precisamos todos rejuvenescer
No presente a mente, o corpo é diferente
E o passado é uma roupa que não nos serve mais
(Belchior)*

Este trabalho teve como objetivo analisar as percepções dos servidores da Universidade Federal de Viçosa, com idade entre cinquenta e cinquenta e nove anos, sobre o processo de envelhecimento, e identificar como eles vivenciam as construções sociais sobre a velhice, principalmente as que evidenciam em seus corpos.

A princípio, pensou-se em entrevistar o mesmo número de técnicos e professores que atuam na Universidade Federal de Viçosa – *campus* Viçosa, mas devido à dificuldade encontrada em agendar com os técnicos, pois estes não queriam participar das entrevistas, passou-se então a entrevistar professores que estão lecionando ou atuando em cargos administrativos. Assim, foram entrevistados somente quatro técnicos, sendo duas mulheres e dois homens.

Diante desse cenário, algumas limitações influenciaram a pesquisa: 1) dificuldade de encontrar horários para marcar as entrevistas, tanto com os professores quanto com os servidores técnicos; 2) pouca participação dos servidores técnicos da universidade; 3) amostra pequena, portanto novos estudos com maior número de participantes devem ser realizados. No entanto, a pesquisa também apresentou pontos positivos como o fato dos participantes terem autorizado a gravação em áudio das entrevistas. Isso possibilitou cumprir o roteiro de questões, bem como o registro de detalhes importantes das falas dos servidores para posterior análise, conservando assim, o seu conteúdo original.

Outro fato que contribuiu para a realização da pesquisa foi que, ao começar a entrevista, percebeu-se que os participantes entenderam e souberam responder as perguntas de forma efetiva. Alguns deles, tanto homens quanto mulheres, se empolgaram com o assunto e acabavam falando muito além do perguntado. Pode ser

que isso se deve ao fato de que o tema envelhecimento diz respeito a todas as pessoas envolvidas nessa pesquisa, pois se encontram na fase pré-idosa, ou seja, são pessoas que já fizeram 50 anos, mas ainda não fizeram 60, idade considerada a entrada na chamada Terceira Idade, onde são consideradas idosas.

Foi possível perceber que ainda prevalece uma visão negativa da velhice, principalmente a que se evidencia nos corpos, tanto entre homens quanto entre as mulheres. A principal queixa dos homens entrevistados é exatamente a diminuição do vigor e da resistência. Para eles, o principal fator negativo acerca do envelhecimento se encontra na dificuldade em praticar esportes competitivos.

Faz-se necessário um estudo mais aprofundado sobre a dinâmica do jogo do futebol, pois mesmo que entre os participantes ocorra somente entre homens, percebe-se que o comportamento machista preconizado por gerações mais antigas é marcante entre os entrevistados que preferem buscar uma outra atividade física, a demonstrar que não possuem mais o mesmo vigor físico de antes. Como essa não era a temática desse estudo, recomenda-se futuras pesquisas que desvelem porque ainda prevalece essa singularidade entre os seres do sexo masculino, pois baseados na pedagogia dos gêneros, não querem mostrar que estão mais frágeis, ou menos fortes do que os outros jogadores mais jovens, preferindo abrir mão de fazer algo que sempre consideraram prazeroso para simplesmente não perderem o *status* de machos viris, afinal, fraqueza é uma característica considerada feminina.

Para as mulheres, o lado negativo da velhice também se insere em seus corpos, mas diferente dos homens, a queixa delas baseia-se no aspecto ligado à aparência. Muitas delas deixaram claro que a idade trouxe a facilidade para o ganho de peso, trazendo por consequência a desvalorização de seus corpos, perdendo o apelo sexual e deixando de ser elegantes. Algumas delas preferiram até mesmo mudar o vestuário por se sentirem incomodadas com seu corpo gordo. Pode-se, portanto, inferir que a questão da beleza dos corpos também é desigual entre homens e mulheres, pois essa queixa foi maior entre elas.

Seria necessário o aumento da divulgação das consequências da desigualdade provocada pela pedagogia dos gêneros que insiste em classificar não só o corpo da mulher como diferente, mas todo o seu ser. Entre as próprias mulheres é notável a diferença da percepção negativa da velhice. Para a mulher a negatividade

está voltada para a diminuição da beleza de seu corpo, pois a cobrança da perfeição ainda está inserida no universo feminino, impondo que as mulheres devem estar sempre belas para agradar e atrair o homem. Por outro lado, no universo masculino a preocupação maior é em relação a perda do vigor físico, não havendo, pelo menos claramente, tanta preocupação com a beleza, atributo que está mais ligado à mulher.

Homens e mulheres relataram que a positividade da velhice se encontra no amadurecimento que ela proporciona à medida que as experiências vividas vão se acumulando. Enquanto o corpo envelhece, a mente vai se lapidando e se tornando cada vez mais apta a lidar com os problemas cotidianos, pois, o raciocínio passa a ser mais claro levando à tomada de decisões de forma mais madura e definitiva. Inseridos em um meio acadêmico, os entrevistados sinalizaram que a velhice traz em si a calma e a tranquilidade que só a maturidade consegue produzir, gerando com isso, melhores condições para desenvolver o trabalho intelectual.

Além do amadurecimento intelectual, as mulheres foram beneficiadas com a liberdade adquirida nessa fase da vida, na qual os filhos já cresceram, liberando-as da obrigatoriedade de dedicar uma parte do seu tempo no cuidado deles. Fica essa indagação para futuros estudos: por que a mulher, mesmo economicamente emancipada, muitas vezes com mais tempo de estudos do que o homem ainda se vê envolvida em duplas ou triplas jornadas? Por que ainda se delega a mulher o cuidado da casa e dos filhos, se ela também trabalha fora e divide as despesas com o marido? O que seria necessário para uma mudança dessa desigualdade que insiste em se manter atuante? Foram surpreendentes os relatos de mulheres que embora estejam atuando na mesma área profissional e com cargos iguais ou mais elevados que seus maridos, disseram que somente após os cinquenta anos, obtiveram mais tempo para cuidar delas, e só agora podem praticar exercícios, passear e ter hobbies que não puderam desenvolver enquanto os filhos eram pequenos.

Assim, deixo o desafio para estudiosos das questões relacionadas às diferenças entre os gêneros para analisarem essa situação que vem se perpetuando ao longo da história, mesmo após muitas conquistas de direitos das mulheres pelas feministas.

Em relação às percepções do próprio envelhecimento, foram observadas uma gama de sentimentos diferentes. Mesmo entre os homens que disseram não se

sentir velhos, houve uma queixa peculiar relacionada ao desempenho sexual. Para um, a idade trouxe a diminuição da libido, enquanto para outro, ela proporcionou uma melhora no desempenho, levando a uma maior satisfação. Esse tema não foi abordado nessa pesquisa, mas veio à tona graças ao depoimento de dois entrevistados que mesmo muito incomodados, quiseram falar a respeito da sexualidade. Diferente das mulheres que têm na menopausa um acontecimento marcante, pois deixa de desempenhar seu papel reprodutor, o homem não tem essa sensação e nem a cobrança da sociedade. Ele se mantém fértil até o fim da vida. Mas fertilidade não é sinônimo de virilidade. Mais estudos devem ser desenvolvidos com a finalidade de se obter informações sobre a questão da sexualidade do homem com mais de cinquenta anos. Deve-se analisar não só o aspecto do corpo em si, mas também as questões que envolvem suas percepções psicológicas quando a idade não permite um desempenho sexual igual ao obtido na juventude.

Embora as mulheres sejam normalmente consideradas mais observadoras, foram os homens desse estudo que relataram que só percebem que realmente estão ficando velhos quando se encontram com amigos da juventude. É através do envelhecimento do outro que eles conseguem se perceber velhos também.

Em relação ao vestuário, foi muito marcante a questão da pedagogia dos gêneros, pois até a reação à pergunta foi muito diferente entre homens e mulheres. Enquanto as mulheres pensavam antes de responder se mudaram seu modo de vestir devido ao aumento da idade, os homens achavam divertido e a maioria deles deixou bem claro que não se preocupa com essa questão. Alguns chegaram a declarar que esse é um problema exclusivo da mulher. Por outro lado, as mulheres não estranharam a pergunta e somente três relataram que mudaram suas roupas com a chegada da maturidade.

É possível perceber que os participantes desta pesquisa, embora sejam herdeiros de uma geração que teve que lutar por seus ideais durante a ditadura militar em nosso país, e de outras pessoas que fizeram manifestos mundo afora, por uma vida mais livre de preconceitos, ainda não conseguiram se libertar de ideias enraizadas na sociedade que insiste em separar o mundo masculino do feminino. Ficam aqui algumas questões para reflexão: por que o homem não pode se preocupar em usar roupas bonitas? Por que muitos insistem em deixar que a decisão sobre suas roupas seja tomada por suas esposas? Sugiro que estudos mais aprofundados voltados

para essa temática sejam desenvolvidos para que essas perguntas venham a ter respostas satisfatórias e possam, enfim, elucidar essas questões.

Os participantes desta pesquisa também declararam que não se sentem velhos, pois continuam com disposição no corpo e com a atividade cerebral em pleno funcionamento. Portanto, percebe-se que há uma tendência das pessoas em acreditar ser jovem por mais tempo. E ao se fazer uma análise das pessoas no nosso entorno, é possível notar que os velhos de hoje são diferentes dos idosos do passado, pois as respostas dos participantes deste estudo permitem inferir que os seres envelhecidos permanecem por mais tempo atuantes no mercado de trabalho e socialmente ativos.

Assim, talvez por se sentirem jovens, muitas pessoas mais velhas se sentem à vontade com seus corpos. A maioria dos participantes relatou não ver problema na exposição de um corpo envelhecido, porém alguns excertos chamaram atenção pelo fato de caírem em contradição, pois muitos declararam que se a pessoa possui um corpo velho, gordo ou feio, ela não deve usar biquíni. E não foram somente os homens, muitas mulheres também responderam desta forma. Assim, entre elas foi possível perceber a dificuldade que têm em expor seus corpos, pois são considerados fora de forma. Portanto, faz-se necessário pensar em como surgiu esse padrão que define quais corpos estão aptos a serem expostos. É preciso analisar a dificuldade encontrada entre as pessoas quinquagenárias em considerar que continuam bonitas mesmo na pré velhice. Se essa dificuldade existe enquanto ainda não são idosas, tende-se a acreditar que ela será ainda maior quando ficarem mais velhas.

Uma forma encontrada para se retardar ou camuflar os efeitos do envelhecimento é o tratamento cosmético que, aliado às cirurgias plásticas tem trazido a oferta de perpetuação da juventude. A indústria da beleza tem ditado as normas para sermos considerados bonitos, sendo que as mulheres são as mais “atacadas” pela ditadura da beleza, pois muitas pensam em fazer alguma intervenção no futuro. Em contrapartida, quase todos os homens disseram que não fariam uma plástica, por praticarem esportes. Esses argumentos remetem-nos novamente à questão das diferenças entre os gêneros, em que os padrões de beleza ainda são impostos às mulheres. Percebeu-se, que aos homens é permitido envelhecer ostentando todos os sinais da velhice na aparência de seus corpos, enquanto das mulheres, mesmo velhas, é exigido a permanência da beleza.

Em relação ao meio que os entrevistados trabalham, percebeu-se uma divisão entre os participantes. Enquanto uma parte acredita que há respeito, pois o tempo trouxe experiências e sabedoria que os jovens não possuem, outros pensam que justamente por serem velhos, os idosos são hostilizados pelos mais jovens, por não terem a mesma vitalidade deles. Necessita-se, assim, preconizar o respeito aos seres envelhecidos.

Sobre isso, acredito que há muitas formas de se implementar essa discussão em uma universidade. Deve-se começar pelos estudantes, pois estes serão os profissionais de amanhã. É importante disseminar na sociedade que mesmo que muitos idosos percam o vigor físico, acumulam sabedorias que podem ajudar os mais jovens. Essa é uma possibilidade de conscientizar as pessoas, para que seja possível desconstruir a imagem decadente que se tem de homens e mulheres velhos.

Foi relatado anteriormente que os homens e mulheres deste estudo não se sentem velhos e, talvez por isso mesmo, ao serem questionados sobre os planos para a aposentadoria, demonstraram não os terem. Mesmo os que relataram que já têm seus planos, não conseguiram dar uma resposta concreta nesse sentido. Pode-se intuir que são levados pela sensação de inutilidade legada aos velhos aposentados. Ainda prevalece em nosso meio a ideia de que quem não trabalha não tem valor. Esse valor é atribuído em nossa sociedade ao indivíduo que se mantém produtivo, ou seja, atuante no mercado de trabalho. Ao negar a vontade de se aposentar, a pessoa estaria afirmando que ainda não envelheceu e não pretende se desvincular tão cedo do trabalho que o torna aceitavelmente jovem.

Deixo aqui minhas conclusões e sugestões para os pesquisadores da área do envelhecimento, para que novos estudos sejam feitos para assim, termos uma visão mais ampla e aprofundada a respeito dos seres envelhecidos.

7. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lucimêre Alves; PATRIOTA, Lucia Maria. Sexualidade na Terceira Idade: um estudo com idosas usuárias do programa Saúde da Família do bairro das Cidades – Campina Grande/PB. **Revista Qualitas**, v. 8, n. 1, p. 1-20, 2009.

ALVES, Francileide Maria de Araújo; LEMOS, Tailiny Elias dos Santos; LIMA, Micheline de Azevedo. Envelhecimento e Preconceito: duas vertentes antagônicas na conquista da terceira idade. In: XVI **Encontro de Extensão**. Paraíba: UFPB, 2013. Disponível em: <<http://www.prac.ufpb.br/enex/trabalhos/6PRACNIETIFLUEX2013615.pdf>>. Acesso em: 16 de jan. de 2017.

BARRETO, Maria Leticia Fonseca. **Admirável mundo velho: velhice, fantasia e realidade social**. 1ª ed., São Paulo: Ática, 1992.

BEAUVOIR, Simone. **A velhice. A Realidade Incômoda**. Rio de Janeiro: Difel, 1976.

BLESSMANN, Eliane Jost. Corporeidade e Envelhecimento: o significado do corpo na velhice. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 6, p. 21-39, 2004.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 160p.

CERONI, Denise. A educação de adultos maduros e idosos: aprendizagens escolares construídas e partilhadas no grupo revivendo a vida. UniRitter. **Educação e Cidadania**, n. 15, 2013.

CORREA, Mariele Rodrigues. **Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 128 p.

COUTO, Edvaldo Souza; MEYER, Dagmar Estemann. Viver para ser velho? Cuidado de si, envelhecimento e juvenilização. **Revista da FAGED**, Salvador, n. 19, p.21-32, 2011.

CRUZ, Tancredo Almada (Coord.). **Retrato Social de Viçosa**. Viçosa, MG: CENSUS, 2010.

_____. **Retrato Social de Viçosa**. Viçosa, MG: CENSUS, 2012.

CURCIO, Christian José. **Inclusão e Exclusão na Velhice: a (des) construção de identidades sociais**, 2015, 34 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em

Pedagogia), Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2015.

D'ALENCAR, Raimunda Silva; CAMPOS, Juliano Britto. Velhice e Trabalho: a informalidade como (re)aproveitamento do descartado. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 10, p. 29-43, 2006.

DEBERT, Guita Grin. **A Reinvenção da Velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Fapesp, 2004.

_____, Guita Grin. Antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: FGV, p. 49 – 67, 2006.

_____. O remapeamento do curso da vida. In: **Encontro Anual da ANPOCS**, Caxambú, v. 18, 1993.

_____. O Velho na Propaganda. In: **Cadernos Pagu**, v. 21, p. 133-155, Campinas, 2003.

DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Senac, 2009. 108 p.

FARIAS, Rita de Cássia Pereira. Apresentação. In: FARIAS, Rita de Cássia Pereira; OLIVEIRA, Kamilla Dias de; SARAIVA, Charlista Schinaider. (Org.). **Trajetórias e Memórias: biografia dos idosos participantes do projeto Esta ruga tem história. Viçosa-MG**: Departamento de Economia Doméstica, 2016.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. Memória e velhice: do lugar da lembrança. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: FGV, p. 207–222, 2006.

FIGUEIREDO, Maria do Livramento Fortes; TYRREL, Maria Antonieta Rubio; CARVALHO, Cecília Maria R. Gonçalves de Carvalho; LUZ, Maria Helena Barros Araújo; AMORIM, Fernanda Cláudia Miranda; LOIOLA, Nay Leite de Araújo. As diferenças de gênero na velhice. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 60, n. 4, p.422 - 427, 2007.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Trad. Mathias Lambert. 4ª ed. 2004.

GOLDENBERG, Miriam. Afinal o que quer a mulher brasileira?. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p.47 – 64, 2011.

_____. **Coroas: corpo, sexualidade e envelhecimento na cultura Brasileira**. 1ª ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2015.

_____. Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura Brasileira. **Revista Contemporânea**, Ed. 18, v. 9, n. 2, 2011.

_____. **O corpo como capital: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira.** 2ª ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

GROISMAN, Daniel. A velhice, entre o normal e o patológico. **História, Ciências, Saúde Manguinhos.** Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 61-78, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 9 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística,** 2015. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 08 jan. 2017.

KUZNIER, Tatiane Prette. **O significado do envelhecimento e do cuidado para o idoso hospitalizado e as possibilidades do cuidado de si,** 2007. 124 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem), Universidade Federal do Paraná, 2007.

LIMA, Lara Carvalho Vilela. **Avaliação da percepção de qualidade de vida em diferentes grupos de idosos da cidade de Carneirinhos – MG,** 2010. 122 f. Dissertação (Mestrado em Promoção de Saúde), Universidade Federal de Franca-SP, 2010.

LINS DE BARROS, Myriam Moraes (Org.). **Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política.** 4ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

LOCKE, John. Ensaio acerca do entendimento humano. In: **Os pensadores.** São Paulo: Abril Cultural, 1978.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e Sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições,** v. 19, n. 2, 2008.

MARQUES, Ana Maria. Velho/Idoso: construindo o sujeito da terceira idade. **Revista Esboços,** UFSC, Santa Catarina, v. 11, n. 11, p. 65-71, 2004.

MARQUES, Márcia Siqueira Costa; PADILHA, Sônia. Envelhecimento na Revista Veja: Análise dos Conteúdos Publicados. X Conferência Brasileira de Comunicação e Saúde – **ComSaúde,** São Bernardo do Campo, SP: UMESO, 2007.

MAUSS, Marcel. As Técnicas Corporais. In: **Sociologia e Antropologia.** São Paulo: EDUSP, 1974.

MENEZES, Tânia Maria de Oliva; LOPES, Regina Lúcia Mendonça; AZEVEDO Rosana Freitas. A pessoa idosa e o corpo: uma transformação inevitável. **Revista Eletrônica de Enfermagem,** Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 598 – 604, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Antropologia, saúde e envelhecimento.** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

_____. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____; Carlos E. A. Coimbra Jr. Entre a Liberdade e a Dependência: reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

MINÓ, Nádia Marota. **Percepções de crianças e adolescentes sobre o envelhecimento e estigmas ligados à velhice**, 2016. 105 p. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica), Universidade Federal de Viçosa, 2016.

MONTEIRO, Pedro Paulo. **Envelhecer ou morrer, eis a questão**. Belo Horizonte: Gutenberg, 2008.

MORI, Maria Elizabeth; COELHO, Vera Lucia Decnop. Mulheres de corpo e alma: aspectos biopsicossociais da meia-idade feminina. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Brasília, v. 17, n. 2, p. 177 – 187, 2007.

MOTTA, Alda Britto da. A juvenilização atual da idades. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 25, n. 2, p. 11-24, 2012.

_____, Alda Britto da. Chegando pra idade. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: FGV, p. 223– 235, 2006.

NAVARRO-SWAN, Tânia. **Velha? Eu? Auto-retrato de uma feminista**. Disponível em: <<http://www.tanianavarroswain.com.br/brasil/anahi1.htm>>. Disponível em: 01 de fev. de 2017.

NERI, Anita Liberalesso (Org.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. 1ª ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007, 288 p.

NOGUEIRA, Ingrid Rochelle Rêgo; ALCÂNTARA, Adriana de Oliveira. Envelhecimento do homem: de qual velhice estamos falando? **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo: FACHS/PUC, v. 17, n. 1, p. 263 – 282, 2014.

OMS. Organização Mundial de Saúde. **Envelhecimento Ativo: uma política de saúde**. Trad. Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 60 p., 2005.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: FGV, p. 69 – 74, 2006.

PIMENTA, Wesley Ribeiro Carvalho; LOPES, André Cândido. Dupla jornada de trabalho: uma análise da condição feminina no trabalho doméstico. In: **VIII Jornada de Sociologia de La UNLP**. Ensenada, Argentina, p. 1 – 13, 2014.

RODRIGUES, Lizete de Souza; SOARES, Geraldo Antônio. Velho, idoso e terceira idade na sociedade contemporânea. **Revista Ágora**, Vitória, n. 4, p. 1 - 29, 2006.

SANTIN, Janaína Rigo; BOROWSKI, Marina Zancanaro. O idoso e o princípio constitucional da dignidade humana. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**. Passo Fundo, v. 5, n. 1, p. 141-153, 2008.

SANTOS, G; BUARQUE C. **O que é gênero? Gênero e desenvolvimento rural – Manual de Orientações para os Agentes da Reforma Agrária**. Brasília: INCRA, 2002.

SIMÕES, Maria Regina Rovigati. Corporeidade e Terceira Idade: a marginalização do corpo idoso. Universidade Metodista de Piracicaba. 1992.

SIQUEIRA, Renata Lopes de; BOTELHO, Maria Izabel Vieira; COELHO, France Maria Gontijo. A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 7, n. 4, p. 899 – 906, 2002.

TAMANINI, Sionara. O Envelhecimento e a relação de perdas e ganhos com a prática esportiva. **Polêmica**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 84 – 91, 2010.

TEIXEIRA, Jéssica Sobrinho. Envelhecimento e Percepção Corporal de Idosos Institucionalizados. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 63 – 68, 2012

UCHÔA, Elizabeth. Contribuições da Antropologia para uma abordagem das questões relativas à saúde do idoso. Cadernos de Saúde Pública. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 849 - 853, 2003.

UCHÔA, Elizabeth; FIRMO, Josélia O. A; LIMA-COSTA, Maria Fernanda F. Envelhecimento e Saúde: experiência e construção cultural. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JR, Carlos C. E. (Orgs.). **Antropologia, Saúde e Envelhecimento**, Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, p. 25-35, 2012.

UFV – Universidade Federal de Viçosa. **História**, 2017. Disponível em: <<http://www.ufv.br/a-ufv/a-ufv-historia/>>. Acesso em: 02 de fev. 2017.

VANZELLA, Elidio; NETO, Eufrásio de Andrade Lima; SILVA, César Cavalcanti da. A terceira Idade e o Mercado de Trabalho. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, v. 14, n. 4, p. 97 – 100, 2011.

VERAS, Renato. Envelhecimento populacional e as informações de saúde do PNAD: Demandas e desafios contemporâneos. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 10, p. 2462 – 2466, 2007.

WOLF, Naomi. O Mito da Beleza: como as imagens da beleza são usadas contra as mulheres. Tradução: Waldéa Barcellos. Rocco: Rio de Janeiro, 1992.

8. APÊNDICE

8.1 Apêndice 1 - Roteiro de entrevista

Data:

Hora do início: _____ Término: _____

Grupo 1 - Caracterização dos entrevistados

1. Nome:
2. Qual a sua idade:
3. Estado Civil:
4. Possui filhos? Quantos?
5. Onde você mora e com quem?
6. Escolaridade:
7. Qual a sua trajetória profissional?
8. O que gosta e costuma fazer quando não está na UFV?

Grupo 2 - Significados do envelhecimento.

9. O que você pensa sobre a velhice?
10. Na sua opinião quais as repercussões (positivas e negativas) do envelhecimento?
11. Como você acha que as pessoas veem você em relação à sua idade? As pessoas dizem que você parece mais jovem do que é, ou não dizem?
12. Quando você acha que um homem e uma mulher começam a ficar velhos?

Grupo 3 - Percepção sobre o próprio envelhecimento

13. Você acha que está ficando velho?
14. Qual a sua opinião sobre a fase atual de sua vida (pré-velhice)?
15. Você faz planos para seu envelhecimento?
16. Como pretende viver sua velhice?

Grupo 4 – Percepção sobre mudanças no corpo e no vestuário

17. Você percebeu alguma mudança no seu corpo nos últimos anos? Quais? Como você lida com essas mudanças?

18. Você experienciou alguma mudança em seu estado de saúde após os 50 anos?
19. Houve mudanças na forma de se vestir após os 50?
20. Qual a sua opinião sobre o uso de biquíni por mulheres mais velhas na praia ou piscina? Obs: nessa pergunta, sempre cito o exemplo da Beth Farias.
21. Você já fez, faz ou pretende realizar algum procedimento para retardar a velhice?
22. O que você pensa sobre a busca permanente por uma aparência jovem?

Grupo 5 – Experiências do envelhecimento no ambiente de trabalho

23. Como acha que as pessoas mais velhas são vistas no ambiente em que você trabalha?
24. Você notou alguma mudança (positiva ou negativa) nos resultados de seu trabalho após os 50 anos? Por quais motivos?
25. Quando pretende se aposentar? Por que?

9. ANEXO

9.1. Anexo 1 - Termo de consentimento livre e esclarecido - TCLE

IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA

Título do Projeto: Percepções de pessoas cinquentenárias sobre o processo de envelhecimento.

Coordenador da pesquisa (pesquisador responsável):

Nome: Rita de Cássia Pereira Farias - Profa. Adjunta do Departamento de Economia Doméstica (DED/UFV), Doutora em Antropologia Social.

Telefone: (31) 3899-1636

E-mail para contato: rcfarias@ufv.br

Você está sendo convidado (a) para participar do projeto de pesquisa acima identificado. Todas as informações necessárias sobre a pesquisa encontram-se relacionadas abaixo e caso existam dúvidas, favor esclarecê-las antes da assinatura do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA (VOLUNTÁRIO)

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Telefone: () _____

Email: _____

Importante ressaltar que este TCLE foi redigido em conformidade com a Resolução CNS 466/2012.

Da justificativa para a realização desta pesquisa:

Esta pesquisa buscará informações sobre as construções sociais ligadas ao estigma do envelhecimento humano, buscando entender as diferentes formas percepções de pessoas cinquentenárias em relação à velhice, visando ampliar o conhecimento dessa temática em nosso cotidiano.

Objetivos desta pesquisa:

Analisar as percepções de funcionários da UFV, com idade entre 50 e 59 anos, acerca do processo de envelhecimento, e identificar como eles vivenciam as construções sociais sobre a velhice.

Especificamente, pretende-se:

Caracterizar socialmente os entrevistados;

Desvendar os significados do envelhecimento;

Compreender a percepção dos entrevistados sobre o próprio envelhecimento, principalmente o que se evidencia em seus corpos.

Verificar se o envelhecimento influencia a produtividade do trabalho e de que maneira.

Do procedimento para a coleta de dados

Para melhor se alcançar os objetivos propostos, esse estudo utilizará de coletas de dados por entrevistas semiestruturadas que darão suporte à pesquisa qualitativa, sob uma perspectiva que busca se ater nos significados e sentidos das coisas.

4. Da forma de participação

Os participantes responderão a um questionário semi estruturado com perguntas pré elaboradas com questões pertinentes à pesquisa sobre o envelhecimento.

Estima-se que a entrevista tenha a duração de aproximadamente 20 minutos. Será utilizando um minigravador para registrar as entrevistas em áudio, porém o nome dos participantes não será revelado. Será utilizado também o caderno de campo para registrar os detalhes da pesquisa.

5. Da utilização, armazenamento e descarte dos dados

Todos os dados coletados serão guardados em local seguro e de total responsabilidade do pesquisador. Todo o material será armazenado em arquivos digitais e guardados pelo prazo de cinco (05) anos ou enquanto os pesquisadores utilizarem os dados para comparar com outras pesquisas realizadas. Os questionários e entrevistas impressos em papel serão arquivados em arquivo próprio pelo prazo também de cinco (05) anos. Após esse período serão descartados.

Em todo o processo será atendido os princípios éticos dispostos na resolução Nº 466/2013 do Conselho Nacional de Saúde, especificamente em seu artigo IV, que aborda o respeito à autonomia do participante da pesquisa, garantindo o seu consentimento livre e esclarecido, o sigilo das informações e a privacidade.

6. Dos potenciais riscos e o incômodo que a pesquisa possa acarretar

Esta pesquisa não apresenta nenhum risco físico, entretanto, o(a) entrevistado(a) pode se sentir constrangido(a) de alguma forma, uma vez, que serão feitas algumas perguntas sobre sua vida privada. Se isso ocorrer, o(a) entrevistado(a) estará totalmente livre para não responder esta questão ou interromper sua participação na pesquisa. O mesmo ocorrerá, caso o(a) entrevistado(a) se sinta social, cultural ou espiritualmente atingido(a). Uma outra alternativa para amenizar o constrangimento será deixá-lo(a) à vontade para escolher não responder, caso prefira, antes que qualquer pergunta seja feita. Caso necessário, o(a) entrevistado(a) poderá contar com ajuda de bibliografia especializada da área para que possa compreender outros estudos que estão sendo desenvolvidos sob a mesma temática, de cunho sociológico e psicológico.

7. Dos Benefícios:

As informações coletadas nessa pesquisa podem contribuir para encontrar respostas sobre a percepção de pessoas entre 50 e 59 anos sobre a velhice, e como são feitas suas construções sociais enquanto envelhecem.

8. Da assistência

Os participantes poderão em qualquer momento optar por não participar da pesquisa, e isto em nenhuma hipótese poderá gerar qualquer tipo de prejuízo a esta pessoa.

Procuraremos o horário mais adequado para os participantes de acordo com a disponibilidade de cada um, para que não traga nenhum desconforto a eles ou prejudique o andamento de sua rotina, seja doméstica ou laboral.

9. Das despesas

A participação na pesquisa não implicará em ônus para nenhum de seus participantes.

10. Da garantia de sigilo

Os participantes terão a garantia de que o pesquisador irá tratar sua identidade com padrões profissionais de sigilo e que o nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão e ainda, seu nome/imagem não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Caso haja danos decorrentes dos riscos previstos, o pesquisador assumirá a responsabilidade pelos mesmos.

11. Da garantia de recusar, desistir ou revogar o consentimento.

Os participantes têm a garantia de recusar, desistir ou interromper a colaboração na pesquisa a qualquer momento, sem a necessidade de explicar o motivo e informar nada a ninguém.

12. Retorno dos dados

Os resultados da pesquisa serão apresentados em forma de relatório científico e também por meio de uma palestra/seminário de forma que as pessoas que foram envolvidas na pesquisa também possam assistir. Caso solicitado, será dada uma cópia final do trabalho ao participante da pesquisa.

Declaro que fui informado (a) dos objetivos da pesquisa **“Percepções de pessoas quinquagenárias sobre o processo de envelhecimento”** de maneira clara e detalhada e esclareci as minhas dúvidas. Estou informado que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Autorizo que os dados coletados sejam armazenados para comparar pesquisas futuras. Declaro ainda que concordo em participar desse estudo, que recebi uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e em caso de questionamento em relação aos procedimentos éticos, de discordância com procedimentos ou irregularidade de natureza ética posso buscar auxílio junto ao **Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa – CEP/UFV** no seguinte endereço e contatos:

Prédio Arthur Bernardes, Piso Inferior-Campus - Viçosa/MG.

Telefone: (31) 3899-2492-e-mail: cep@ufv.br-site: www.cep.ufv.br

Viçosa, _____ de _____ de 2016.

Pesquisador Responsável pelo Projeto

Membro da pesquisa

Sujeito da pesquisa e/ou responsável
9.2. Comprovante de aprovação da pesquisa pelo comitê de ética



COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Percepções de pessoas cinquentenárias sobre o processo de envelhecimento

Pesquisador: Rita de Cassia Pereira Farias

Versão: 1

CAAE: 57971916.7.0000.5153

Instituição Proponente: Departamento de Economia Doméstica

DADOS DO COMPROVANTE

Número do Comprovante: 070737/2016

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Informamos que o projeto Percepções de pessoas cinquentenárias sobre o processo de envelhecimento que tem como pesquisador responsável Rita de Cassia Pereira Farias, foi recebido para análise ética no CEP Universidade Federal de Viçosa - UFV em 20/07/2016 às 12:43.

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Avenida PTH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes
Bairro: Campus Universitário **CEP:** 36.570-900
UF: MG **Município:** VIÇOSA
Telefone: (31) 3899-2492 **E-mail:** cep@ufv.br